

ANTONIO CARLOS MACHADO

O SOLITÁRIO DA CASA BRANCA

A SUA VIDA -- A SUA OBRA -- A SUA ÉPOCA



PONGETTI

ANTONIO CARLOS MACHADO

O SOLITÁRIO DA CASA BRANCA

A SUA VIDA -- A SUA OBRA -- A SUA ÉPOCA



PONGETTI

do eminente con-
rade J. Walter
Spalding como
testemunha de
elevada estima e sincera
consideração
P. Alegre, novembro
47
Antonio Carlos Machado

O Solitário da Casa Branca

A sua vida — A sua obra — A sua época

ANTONIO CARLOS MACHADO

O SOLITÁRIO DA CASA BRANCA

A SUA VIDA - A SUA OBRA - A SUA ÉPOCA

Alguns trabalhos do mesmo autor:

O PAMPA HERÓICO -- Rio, 1942.

Ação e Unidade — Rio 1942.

Estudo sobre Alceu Wamosy — Rio, 1943.

Nascuntur Poetae — Rio, 1944.

Aspectos políticos da sociogênese riograndense — Rio, 1944.

A Sair:

O Pampa Heróico (Segunda edição refundida).

A Formação Gaúcha (Ensaio de espaciologia regional).

Elucidário Crioulo (Estudo lexicogênico).

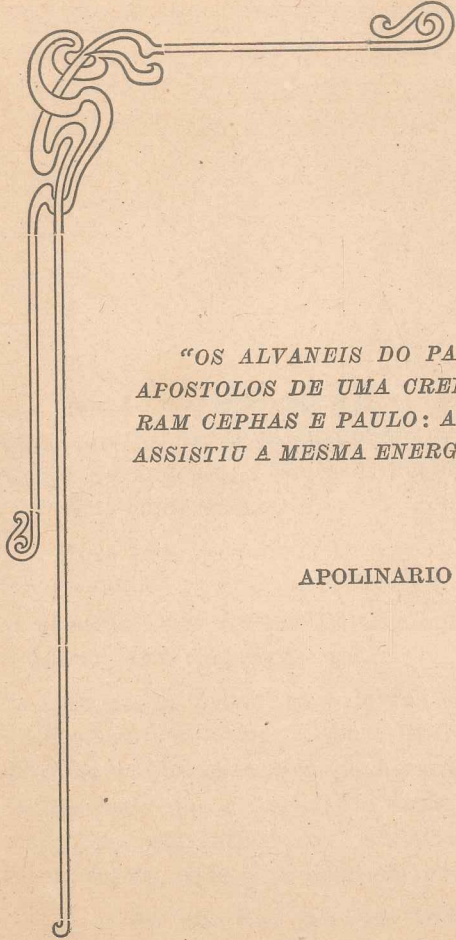
Conferência realizada na sede da Federação das
Academias de Letras do Brasil (Rio de Janeiro)
a 26 de Agosto de 1944 e acrescida de numerosas
notas aditivas para esta publicação.



RIO DE JANEIRO
1945



Apolinário Pôrto - Alegre



"OS ALVANEIS DO PARTHENON ERAM
APOSTOLOS DE UMA CRENÇA COMO O FO-
RAM CEPHAS E PAULO: A UNS E OUTROS
ASSISTIU A MESMA ENERGIA MORAL".

APOLINARIO PORTO-ALEGRE

Quiz a Federação das Academias de Letras do Brasil que nos coubesse, na qualidade de estudiosos do passado rio-grandense, a honra excepcional de pronunciarmos esta conferência.

Aqui estamos para solenizar o transcurso de uma grande efeméride: a do centenário de nascimento de Apolinário José Gomes Pôrto-Alegre, altíssimo expoente das letras rio-grandenses.

As nossas primeiras palavras são de sincero reconhecimento ao General Sousa Docca, inspirador desta solenidade. Recebemos a penhorante e desvanecedora incumbência que o presidente desta Casa assentou cometer-nos com intraduzível satisfação. Isso por múltiplas razões, cada qual mais persuasiva.

E antes que nos ponham restrições de imodéstia ou embargos de afoiteza, apressamo-nos em declarar a peito aberto: bem conhecemos a nossa desvalia em face da mercê, a cuja importância não estamos

seguros de corresponder. Valha-nos essa confissão de escusa aos senões em que incorreremos por insuficiência ou desaviso. Ainda quando preditados nos faleçam, não nos hão de negar entusiasmo e tenham os nossos ilustres ouvintes a segurança de que daremos o máximo no estudo da poliédrica figura de Apolinário Pôrto-Alegre. Lograremos acaso o nosso desiderato? Muito longe estamos de poder afirmá-lo. Como quer que seja, entretanto, temos por certo que não nos desampará a benevolência de quantos acudiram a este recinto.

E' um motivo de conforto vêr-se que mesmo durante uma guerra como esta, em que os valores espirituais parecem em crise e ameaçados de obliteração, ainda se disponha de tanto interêsse pelas coisas da inteligência.

Atarefados em conhecer de perto aquela intimorata e entusiasmavel pleiade de ilustrissimos intellectuais que perfulgiu sob o tétó acolhedor da SOCIEDADE PARTHENON LITERARIO, ali na antiga Estrada do Menino Deus, a pressa, indigitada como causante de enganos e juizos retificaveis, gabamo-nos de não a termos conhecido nunca. De trato antigo e cuidadoso, mais cuidadoso do que antigo talvês, conhecemos aquêlê ciclo de proficuas atividades litero-culturais que a augusta Casa de Apolinário Pôrto-Alegre inaugurou tão auspiciosamente, colocando-se, ao mesmo tempo, como estaca zero de luminoso roteiro espiritual.

E isto é o penhor de que o Rio Grande do Sul já em 1868 oferecia campo fértil ao cultivo das belas-

letras. Ao acentuar-se o papel do PARTHENON, veneravel por todos os titulos, nas realizações da intelligência gaúcha e ao pôr em relêvo o muito, talvês seja melhor dizer o muitissimo, que êle fez em prôl do adeantamento cultural do extremo-sul, não se poderá deixar nunca de situar Apolinário Pôrto-Alegre em lugar destacado.

Houve um tempo, tempo longo e obscuro, devemos esclarecer preliminarmente, em que o Rio Grande não tinha vida literária propriamente dita. Aquêles que escreviam eram em escasso número, baldos de incentivo ou aplauso encorajador e não raro olhados desdenhosamente. O PARTHENON deu-lhes um ambiente propicio. Mais do que isto: deu-lhes arrimo e estímulo.

Não chegou êle a viver duas décadas. Mas ninguém poderá negar que foi o fanal e a agulha de marear de toda uma centena de esperançosos e fulgentes beletristas. Há ainda um aspecto — e dos mais importantes — da existência do PARTHENON que não deve ser esquecido: é que êle também auspiava todas as manifestações de arte e espiritualidade, realizando periodicamente concêrtos, espetáculos teatraes, conferências, preleções, récitas, exposições e reuniões mundanas, a que não raro comparecia o próprio presidente da Provincia com sua familia, além de outros altos mandatários e figurões officiais.

As suas irradiações fizeram-se sentir até mesmo no interior em burgos incipientes, onde repontaram, para gáudio geral, sodalícios, centros de estudo e gabinetes

de leitura, alguns dos quais, como a SOCIEDADE LITERARIA LEOPOLDINENSE, e a ASSOCIAÇÃO LITERARIA GABRIELENSE (1), cumpriram fecunda e brilhante trajetória. A sessão magna comemorativa da fundação do PARTHENON, realizada na noite de 18 de Junho de 1874, num dos salões do Paço Municipal, teve a compareência de 85 sócios efetivos, destacando-se entre eles alguns de incontestável valimento como Hilário Ribeiro, Augusto Totta, Aquiles Pôrto-Alegre, Julietta de Melo Monteiro, Afonso Marques, Carlos da Lavra Pinto, Luciana de Abreu, José Antônio do Vale Caldre e Fião, cognominado o Mentor Parthenonista, Revocata Figueirôa de Melo, Silvino Vidal, Eudoro Berlink, Carlos Jansen, Cristiano Kraemer, João Damasceno Vieira, Múcio Teixeira, Apeles Pôrto-Alegre, Graciano Azambuja, José Bernardino dos Santos, Antônio Ferreira das Neves, Fernando Luiz Osório, Carlos Von Koseritz, Lôbo da Costa, Amália Figueirôa, Antunes Ribas, Ernesto Silva, Lúcio Cidade, Trajano Cesar, Homero Batista, Assis Brasil, Manoel Pereira da Silva Ubatuba, Bernardo Taveira Junior, Aurélio de Biten-

No 6º
aniversário
temos:

(1) A Associação Literária Gabrielense, fundada em 1875 na cidade de São Gabriel, grangeou justa fama. No seu mensário "A Chryssalida" colaboraram alguns dos mais destacados escritores rio-grandenses da época, como Trajano de Oliveira, Thomas Spencer, Propício Mena Barreto, Honorato Caldas, Inocêncio Cocio e Valério Publicola, para só citar esses. Por ocasião do 25º aniversário do juramento da Constituição Imperial em 1876 realizou memorável sessão, o seu 10º sarau, nela tomando parte em peças de canto e música, entre outras, as Sras. Ofélia Braga e Mafalda Barreto Pinto.

court, Juvencio Augusto Menezes Paredes, Victor Valpirio, Horácio Maisonetti, Alexandre Bernardino de Moura, Artur Rocha, Argemiro Galvão, Joaquim Alves Torres, Augusto Guanabara, Luiz da Mota, Antônio Palmeiro, Nicoláu Vicente Pereira, João Moreira e Silva, José Carlos Sousa Lôbo, Frederico Vileroy, Geraldo Correia de Faria, Lôbo Barreto, Erico da Costa, Francisco de Sá Brito, Inácio de Vasconcelos, Miguel Verna, João José Rodrigues da Silva, Ataliba Vale, João Capistrano de Miranda e Castro, Gustavo Cesar Viana Filho, Benjamim Vilas-Bôas, João Batista Taloni Junior, Pedro Antônio de Miranda, Vasco de Araujo e Silva, João Manoel Batista Pereira, Francisco da Cunha, Napoleão Poeta, Bibiano Francisco de Almeida, Paula Soares e José Teodoro de Miranda, autênticos luzeiros do intelectualismo rio-grandense de então. (2).

Não é difícil imaginar o interesse despertado pelos saraus e "matinéés", o PARTHENON numa cidade como Pôrto-Alegre antigo, que poucas oportunidades de recreio, proporcionava fóra das teatradass, das baillantes e das retretas. Essas tertúlias, de resto, ofereciam atrativos, abrihantando-as cantoras da estirpe de Aurora Mazon, pianistas como Celeste Ribeiro, recitallistas e "diseuses" do talento e do prestígio de Adellina de Miranda, Luiza Correia e Florisbela de Castro,

(2) Carência de subsidios obsta se faça a história circunstanciada do PARTHENON. Tristão de Alencar Araripe, quando presidente do Rio Grande, retirou do seu arquivo numerosos e importantes documentos, enviando-os ao seu primo José de Alencar que os pedira para estudo. Iguora-se até hoje o paradeiro desses papeis.

cada qual a sobressair-se na afirmação de vigorosas virtualidades criadoras, rogantes muitas vezes pela mais requintada "maitrise."

Ninguém dirá que foi fácil e sem opugnações severas a fundação do PARTHENON. Surgindo num ambiente entre frio e hostil, deu pano para mangas, suscitou recalcitrantes opositores e impiedosas diatribes, sendo envolvido, mesmo, em deslavadas intriguilhas urdidas á socapa e oriundas da estreiteza de entendimento de uns e da disfarçada incompreensão de outros. Já se disse e amiúde se repete que a manutenção do PARTHENON reclamou recrescente idealismo e pertinaz esforço. Ninguém acreditava, em sã consciência, que aquele punhado de moços e rapazinhos sonhadores, imbuídos de apaixonantes idéias progressistas e que se boquiabria diante dos derramamentos novidadeiros da época, fosse capaz de tamanho empreendimento. Fosse menor a sua persistência e talvez realmente o PARTHENON tivesse sido impossível.

Não teve nunca essa verdade quem a mostrasse em palavras mais claras e compreensíveis do que Aurélio de Bittencourt. Em 1872 escrevia êle: "De fato, em 1868, quando alguns moços, poucos é certo, se congregaram no propósito de arrancar a literatura á prostração em que se achava na capital e fundaram o Parthenon, a sua nobre tentativa foi recebida com o riso do ridículo por uns, qualificada de arrojada pela maior parte."

E' compreensível e até mesmo admissível que nem todos os partenistas possuíssem a ardorosidade de Apo-

linário Pôrto-Alegre, a flama arrebatadora de Argemiro Galvão, o magnifico tradutor de Turguenieff, a vibração comunicativa de Caldre e Fiação ou o proverbial e infrangível estusiasmo de Antônio Ferreira das Neves, que cruzou como um aerólito, envolto em rutilante poalha, os páramos da glória literária, pois foi roubado à vida na quadra festiva dos anos. E' de crer, todavia, que cada um tinha a exornar-lhe o espirito o mais ardente devocionismo.

E seja-nos licito proclamar aqui que Antônio Ferreira das Neves até 1873, data do seu compungente passamento, foi um dos mais sólidos sustentáculos do PARTHENON. Lirista de ascendrada inspiração, uma incomum e aguda sensibilidade vinca profundamente os seus versos, diante dos quais sentimo-nos compelidos a acreditar na força emocional da palavra rimada. Interessante é de notar que pouco escreveu. A sua obra, no entanto, possui a chancela do talento, o timbre da sinceridade e o sufrágio da emoção. E logrará sobrenadar ao tempo. Um soneto fez o renome de Anvers. Outro a celebridade de Petrarca. Dumas Filho conquistou fama com "A Dama das Camélias" e Bernardin de Saint-Pierre celebrou-se com "Paulo e Virginia."

Não queremos significar com isso de forma alguma que á consagração literária basta um único soneto ou romance bem fadado. Devemos convencer-nos, entretanto, que o valor suplanta o número nas obras do espirito e só a qualidade interessa aos antologistas, analectores e aristarcos.

Quem observar os versos de Antônio Ferreira das

Petr
+1873

Neves não poderá deixar de notar nêles a marca de um verdadeiro eleito do Parnaso. Hilário Ribeiro, em comovida crônica, datada de 1873, rendeu-lhe sentido epicédio, perorando-o com este fecho de ouro: "Dorme, oh! pálido sonhador; as auras do berço natal hão de cicizar nas ramas do teu cipreste a endeixa das saudades eternas"! (3)

E' evidente que tem aumentado muito nos últimos anos o número dos que vêm no PARTHENOON um dos mais intensos e repercussivos movimentos literários que têm havido no Brasil, como também tem crescido muito o número dos que consideram Apolinário Pôrto-Alegre um sábio no rigor do vocábulo.

Pode-se dizer, com efeito, que êle foi um espirito de eleição, sempre armado de uma ponta de filosofia e retemperado pelo estudo. Comprazia-se em esmiuçar etimologias intrincadas e desvendar velhos segredos cosmológicos.

Perguntar-se-á: sob que aspecto mais avulta a preminentíssima personalidade de Apolinário? Todos sabem de ciência certa que êle dissertou á larga sôbre os mais variados assuntos. Segue-se disto que foi um polígrafo na melhor acepção da palavra. Na base da sua cultura eclética encontravam-se amplos conhecimentos gerais e um bem cimentado embasamento humanístico.

Não nos esqueçamos de que José Verissimo, de or-

(3) A maioria dos seus versos, ao que nos consta, não conseguiu burlar o ineditismo, permanecendo em autógrafos que os papirofagos, acumpliciados com o tempo, acabaram por fiiigranar.

dinário tão conselheiral, temperante e severo, não hesitou em endereçar-lhe as mais deferenciosas expressões. Não se vá julgar, porém, que Apolinário tenha sido um sabedor de bibliotéca ou um erudito de gabinete. E' pegar da sua obra e verificá-lo. Evidentemente, alguns trabalhos lexicogênicos e geográficos de sua autoria, concebidos em estilo grave e mesureiro, á primeira vista parecem hiper-intelectualizados, com certa insobriedade de palavras e até mesmo com um como que pretencioso sobreexcesso de citações e referências.

Mas é um erro crassissimo acreditar-se — é conveniente dizê-lo desde já — que Apolinário alimentou qualquer veleidade culturêsa ou doutoral. E dêle não se dirá que foi um castelão dentro dos próprios domínios intelectuais. Nenhum dos seus escritos — é preciso dizer — sugerirá aquêles decantados pomos de Asfaltite, lindos por fóra, mas ôcos por dentro. Confessadamente infenso ao eruditismo exhibitório, refratário á jactância e ás atitudes espalhafatosas, incapaz de blasonar supergridade ou fazer alarde da sua ilustração verdadeiramente polimática e propenso, sempre, a impulsionar inclinações vocacionais, jámais recusando o seu apoio a quem lh'o pedia e mesmo a quem não lh'o pedia, Apolinário Pôrto-Alegre foi a desambição personificada, a incarnação da modéstia.

Isto sem custo se demonstraria se necessário fosse. Já se chegou a afirmar que Apolinário era dotado de um dom invulgar: o de recongragar desavindos, dissipar malquerenças, amainar ressentimentos e dirimir desinteligências. Poucos como êle, na verdade, soube-

ram compreender e praticar o preceito evangélico "Amai-vos uns aos outros." Convém, de fato, deixar bem claro desde logo que averbar qualquer ato de Apolinário de tendencioso ou exibicionista, como já aconteceu, seria o mesmo que inquiná-lo de algo em completo desacôrdo com o seu feitio psicológico.

Desmonarquizado o país, êle que era, por direito de conquista, o decano dos pregoeiros do ideal republicano e um dos seus mais prestigiosos representantes, abandonou os companheiros dê estacada partidária, a ponto de fazer causa comum com os adversários da véspera, conduzidos por Silveira Martins, afim de não trair-se a si mesmo na abjuração de princípios acalentados desde a juventude.

A fundação do PARTHENON, que marcou uma etapa interseccional na evolução mental do Rio Grande, turvou o amodorrado ambiente provinciano e azou ensejo a magnificas afirmações espirituais. Efetivamente, o que é preciso ver nêle, antes e acima de tudo, é o centro irradiante que foi. O seu grande e desaveriguado mérito está em ter concorrido preponderantemente para o florescimento das letras estremenhas numa época em que o manejo da pena, mesmo na côrte, constituia tarefa ingrata e sempre despremiada. Não haverá ninguém que de boa fé ouze dizer o contrário. O sucesso do PARTHENON, por outro lado, descortinou largas perspectivas a outras iniciativas de idêntica natureza em Pôrto-Alegre e para só citar três exemplos basta dizer que a sociedade "AMOR A' LITERATURA", surgida em 1874, o cenáculo "CULTO ÀS LETRAS",

de que fizeram parte preclaras e marcantes individualidades, do tomo de Vasco de Azevedo e o ateneu "ENSAIOS Literários", cujo quizenário acolheu numerosos nomes ilustres, como os de Lobo Barreto e José Teodoro de Miranda, muito ficaram devendo aos partenistas.

E' bem certo que essas associações tiveram que contornar assoberbantes dificuldades. Mas não esmoreceu o ânimo dos seus sócios que, ao revés do que alguns propalam, não desabriram mão do seu ingente cometimento. Quasi que não se erra dizendo que o PARTHENON foi dos mais importantes movimentos literários surgidos no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

Todo um pugilo de moços aí despertou para as labutas espirituais e muitos dêles arrepiaram carreira, exsurgindo do anonimato e notabilizando-se como tribunos e publicistas, muitos dos quais — seja dito de passagem — fazem jús a estudos bio-bibliograficos penetrantes como o de Mauclair sôbre Edgar Poe.

Embora não seja verdade que a vontade remove montanhas, como o mirifico cristal das "Mil e Uma Noites", não podemos negar que ela opera prodigios. A vontade dos partenistas superou todas as resistências ambientes, edificando uma obra de gigantescas proporções e fazendo da capital rio-grandense um centro de grande efervescência literária. De onde se pode concluir que êles são dignos de permanente recordação. Numa carta a Múcio Teixeira, publicada em 1872 no "Album Semanal", escrevia José Bernardino dos Santos: "Descansemos um pouco sôbre a pedra angular do

êles incluíam a instalação de uma editora denominada "IMPrensa LITERÁRIA" para a impressão de romances, dramas e outros trabalhos destinados a uma biblioteca só de autores rio-grandenses. Essa biblioteca chegou a concretizar-se em diversos volumes, editados pelo livreiro J. J. Avila que, sem ter sido uma espécie de Francisco Alves rio-grandense, foi um homem com decidido pendor para o mecenado.

Talvêz não exageremos dizendo que ela foi decisivo impulso para futuros empreendimentos editoriais. O fato importante é que imprimiu dois dos melhores livros de Apolinário.

Se se quizer abarcar a magnitude das finalidades do PARTHENON, será preciso levar em consideração também as suas atividades no campo do ensino. De resto, é indispensável recordar que ainda em 1871 a Assembléa Geral concedia duas loterias para o custeio das aulas noturnas do PARTHENON. Mas não ficou sómente nisso a atuação da conspicua agremiação, pois ela participou salientemente da campanha abolicionista e com o fundo de emancipação criado com o produto de conferências e representações teatrais ela própria saiu a campo em defesa da raça oprimida, alforriando mais de cinquenta escravos. Nêsse particular, é mister sublinhar a ação eficaz de Caldre e Fião que já em 1840 discutia o problêma da escravatura pela imprensa do Rio, tomando parte, ao mesmo tempo, nas celebres reuniões da Chácara do Castelo.

Dir-se-á e com inteira razão que o PARTHENON foi um dos grandes impulsionadores da abolição no Rio

Grande. Pode-se admitir em têsé a existência de uma arte de persuadir pela palavra impressa e disto são exemplos Platão, com o seu clássico livro "Da Republica", Thomaz Morus, com sua "Utopia", Morelly com o seu "Naufrage des îles" e Cambet com sua "Voyage en Icarie." E' imprescindível não esquecer a influência que a novela "A cabana de Pai Thomaz" exerceu nos Estados-Unidos durante o movimento abolicionista. Os escritos dos partenistas em prol dos negros cativos também concorreram apreciavelmente para centenas de libertações e alforrias. Mas também não entestou aí o âmbito de ação do PARTHENON, pois êle chegou ainda a organizar um museu de etnologia e ciências naturais, provido de excelente material documentário sôbre a geogênese e a antropogênese rio-grandenses e do qual não hesitamos em afirmar que prestou valiosos serviços a diversos pesquisadores, sobretudo a Carlos Von Koseritz e Apolinário Pôrto-Alegre, cujas investigações etnográficas aí estão para atestarem o referido com meridiana clareza. (6)

Não é descabido lembrar aqui que Caldre e Fião doou um grande terreno ao PARTHENON, no local que futuramente receberia o seu nome, afim de ser erigida aí a séde da instituição, moldada em linhas estéticas da antiga Helade. Quando se contempla os estôrgos dispendidos para a consecução do grandioso monu-

(6) Desconhece-se o destino dado ao museu, quando da dissolução do PARTHENON. Alguns são de parecer que Apolinário o recolheu á Casa Branca, afim de completar as suas coleções, totalmente depredadas em 1893 por um grupo de castilhistas exaltados.

isto é, do interior para a periferia, o que explica, em grande parte, alguns dos seus traços distintivos.

O admitir o cposto levar-nos-ia, como é patente, ao erro do equiparar a sociogênese gaúcha á das demais regiões do Brasil. De resto, é preciso considerar o papel do armento na fixação do adventício pelo menos até 1835, ponto culminante do fazendeirismo patriarcal e latifundiário, mas visceralmente democrático.

Não devemos esquecer-nos de que após o restabelecimento da paz em 1845 o Rio Grande evoluiu aceleradamente para novos padrões de vida social e econômica. E' conveniente observar que a rarefação dos rebanhos reajustou a estrutura sócio-econômica da Província, determinando concomitantemente uma maior conexão entre os grupos ganglionares — chamemos-lhes assim — esparsos pela campanha exiguamente povoada.

Isto posto, cumpre ainda observar que a cêrca, inibitória das correrias aventureiras, levou de vencida velhas usanças e cancelou numerosas praxes, de estratificação atávica, investindo o gado na sua verdadeira função. Manifestíssimo está que a revolução farroupilha influíu decisivamente nessa transformação.

Observando em blóco as suas consequências, vê-se que a principal foi a derrogação de certos costumes avoengos e a aceitação franca de inovações até então repudiadas por excesso de conservantismo ou quicá por simples neofobia.

Só quem conhece a história gaúcha póde compreender o seu "tonus" peculiar, a sua particularização. Diversos fatores concorreram para isso. Um, no entan-

to, merece reparo desde logo. Referimo-nos á fronteira suscitadora de recrudescentes beligerâncias. E' dispensavel encarecer a sua importância, relativamente ao condicionamento psiquico da gente estremenha, afeita desde o começo da sua existência coletiva ao tinir das espadas e á rebombância dos canhões, como guarda indefetivel da nacionalidade nascitua.

De sorte que seria um erro encarar-se a formação rio-grandense como simples variante da formação nacional. Rastreando as causas determinantes do seu "facies" característico, chega-se á conclusão de que a conquista do que é hoje o Estado do Rio Grande do Sul processou-se em intercadências de luta e paz, contra as jesuitices e os arrancos da castelhanada pleiteante, sobretudo na mesopotâmia dos rios Pardo e Jacuí, cêdo subtraída ao dominio da indiaria. O tracejamento das suas ráias, sem exagêro deve dizer-se, jámais logrou, entretanto, refrangir a recrescente vocação brasileira da terra. Já adquirimos a convicção de que a estância, liberal e confraternizadora, o fáto é registravel, contribuiu de modo decisivo para a cunhagem histórica do Rio Grande.

Até meados do século XIX, foi o extremo-sul um território de população rarefata, em que a idéia de propriedade apenas clarsescrecia, tendo por enervação social as fazendas, simples ranchos de beira-chão, mal-cozidas, esparsas pelos campos sem valados ou tapumes, quais ossamentas perdidas na ermidão, a meter pelos olhos dos raros viajantes uma impressão confrangedora, e onde os gaúchos infixos, inobedientes, es-

tadeavam o seu aventureirismo, empreendendo "recolhidas", embargando o passo dos almocreves que recovavam mercâncias em lentigrados combóios de mulas cargueiras e armando emboscadas ás gingalhantes diligências e carretilhas, com bois ronceiros e toldos de aniagem, que se afoitavam a cruzar a desértica campanha.

Escudo e pontayante dos contrabandos éles viviam entre as coxilhas abertas, sem vedação e os tasqueiros movediços, reemergindo de tempos em tempos nas tendilhas dos seus reconditórios, exurgindo depois para reboiliar os campos, em correrias e tauricidios.

Toda a vida rio-grandense centralizou-se no pampa, por imposição da adversa maritimidade. Quem conhece o litoral interpolado entre o Mampituba e o Chuí póde avaliar o seu carácter repulsivo, conhecido desde os primeiros mareantes quinhentistas e depois terror dos cavaleiros, que o evitavam em seus periplos, em consonância, aliás, com a ciência de marinhagem então em voga, interessada em mostrar a periculosidade dos litorais sem incurvaturas abrigosas ou batidos de ventos pouteiros.

Há quem justifique o retardo da colonização do Rio Grande com o argumento de que éle foi desde logo uma terra de posse incerta, disputada afincadamente por portugueses e espanhois. Nada mais discutível. Já está suficientemente demonstrado que os desbravadores da América eram homens de vontade ferrea, penetrando onde bem lhes aprouvesse, sem levar em consideração qualquer escrupulo de natureza politica, não valendo

reeditar aqui as ponderações já irreplicavelmente aduzidas a êsse respeito.

E para ninguém, talvez, constitue novidade que os bandeirantes cruzaram o Brasil em todas as direcções, indiferentes á letra dos tratados.

A autoridade existe em função dos direitos e interesses públicos e as leis que prescreve visam canalizar as forças coletivas, dando-lhes um curso necessário. Tem, pois, fundamentalmente, um sentido disciplinador. No Brasil colonial, entretanto, o Estado era apenas o zelador da arrecadação, sem maiores pretensões orientadoras.

Força motriz, mola-mestra da civilização no Rio Grande, o gado presidiu o travejamento das suas instituições constituindo, ao mesmo tempo, o pivô da sua sociedade eminentemente ruralistica e patriarcal.

Todos percebem que é difficil indicar o momento em que o meio rio-grandense se tornou permeavel ás iniciativas do intellecto e da sensibilidade. Acham-se, porém, os estudiosos concordes neste ponto: antes mesmo do farrapismo houve no Rio Grande efflorescentes attividades espirituais.

As letras, como o tem dito e repetido eminentes sociologos, da estatura de Taine e Saint-Beuve, são o verdadeiro termômetro da cultura de um povo e por si sós ellas podem servir de instrumento de aferição das características etológicas de uma comunidade.

Errou Adolfo Caminha e errou palpavelmente quando, analysando a literatura brasileira, secundarizou os escriptôres rio-grandenses, tendo até a cachimônia de

formular uma explicação derogatória da que então prevalecia entre os estudiosos. Bem fundados motivos teve Apolinário Pôrto-Alegre de clamar contra aquêle erro chambão, averbando de esdrúxula, em enérgica contranota, toda a argumentação do preopinante nortista.

Verdade seja que o Rio Grande, na época, não era das circunscrições mais letradas. O curial, mesmo, seria que a única preocupação fossem a guerra e o pastoreio, não tendo os rebentos das famílias onde polir e desarestar o espirito, preguiçando pela puerícia afóra.

Entretanto, acontece que a inteligência rio-grandense mostrou desde logo extrema porosidade ás idéias vindas do exterior, familiarizando-se sem custo com as conquistas culturais, artisticas, científicas ou simplesmente liberais, como nô-lo provam os documentos.

De uma parte se deve ponderar que variam os processos de aquisição dos conhecimentos, podendo uma pessoa não alfabetizada adquirir instrução, por via indirecta. De outra, cumpre observar que as cidades rio-grandenses não tardaram a emparelhar-se ás demais do Brasil, no que respeita ao progresso geral.

No antelóquio, datado de 1898, que escreveu para o livro "O Rio Grande Independente" de Alcides Maya, então estreante, Apolinário Pôrto-Alegre borda interessantes comentários sobre a famigerada opinião de Adolfo Caminha e em certo passo, refutando-a, recorda aquêlê grupo de talentosos escritores que de maneira tão entusiástica e deliberada uniu o seu destino literário ao do PARTHENON.

E' fato inquestionável que, abeberado de idealismos indormidos, êle transfundiu fé e alento a toda uma geração de beletistas. Diríamos até que um exame desubjetivo e demorado das suas atividades leva á conclusão de que propulsionou decisivamente a carreira de mais de um.

Se é certo que as correntes demográficas aportadas ao Rio Grande eram pouco ou mesmo nada urbanófilas, menos exáto não é que Pôrto-Alegre, antes mesmo da guerra do Paraguai, já apresentava um coeficiente populacionístico comparativamente ponderável e se não possuía ainda ares de metropolitismo não deixava de ser uma cidade em franca transição para uma capital digna dêsse predicamento.

Desnecessário é dizer que seria ela das primeiras a adotar o estilo "liberty", tão encontradiço ainda hoje em sobradões e massiças construções apalacetadas que lembram, sob muitos aspectos, os históricos solares do Rio, São Paulo e Bahia.

Para bem compreendermos o pendor do povo rio-grandense pelas artes e pelas letras, basta demorarmos nas páginas da sua história. Consideremos de frente as circunstâncias especialíssimas em que êle se formou. Difícil é estabelecer-las em cada caso concreto isoladamente considerado. O fato de afirmarmos isso não importa, entretanto, em concluirmos que elas oferecem uma fisionomia demasiadamente complexa. Talvez a questão encontre a sua melhor explicação, se a encararmos sob o prisma do momento histórico.

Se consideramos o século XVIII como a idade do couro, podemos enterreirar no seguinte a idade do fazendeirismo, coincidente com o apogeu do espirito crioulo ou gauchista, forjado nas fainas pastoris e nos ominosos entrechoques fronteiriços, suscitadores, em magna parte, da vibratilidade que é o apanágio da "gens" rio-grandense.

Quanto mais vibratil e rebelionário é um povo tanto mais êle se deixa impregnar de ideais e entusiasmos criadores.

Como é legítimo supôr e como é intuitivo, os pródromos da literatura rio-grandense situam-se no ano de 1827, data da introdução da imprensa no extremo-sul. Não se conhecem informes exátos ou mesmo vagos sobre os primeiros plúmifivos rio-grandenses, que outros não teriam sido senão aquêles vibrantes gazetilhistas que desbravaram a senda do jornalismo na estremadura meridional do país. Seja-nos permissível afirmar: alguns dêles deixaram robustas provas de sua aguda receptibilidade mental e de sua perfeita sincronia com os princípios sócio-políticos mais avançados da época.

Nada sabemos, por outro lado, das primeiras escolas fundadas nos pagos, muito embora até nós tenham chegado testemunhos e indícios que nos permitem formular algumas conjecturas. Pelo que se desprende, porém, dos documentos arrecadaveis o ensino no Rio Grande anterior a 1845 não foi tão descurado, como se tem dito. E parece, salvo melhor juízo, que em 1868, ano da fundação do PARTHENON, já existia na Província um grande número de unidades escolares. Pois, em verdade,

é preciso dizer: a docência no Rio Grande oitocentista, tanto a de primeiro como a de segundo gráu, pôde apresentar nomes dos mais merecedores de lembrança como Fernando Ferreira Gomes, Sousa Lobo, Artur Toscano, Ulisses Cabral, Lourenço Lagendonk, Bibiano Francisco de Almeida, José Pedrosa, Eudoro Berlink e Hilário Ribeiro, legítimos apóstolos da educação escolar. Perenizar-lhes a memória é uma dívida de gratidão e consagrar-lhes permanente culto é antes de mais nada um dever.

Em 1868 era grande o fervilhamento político no Rio Grande. E' o que provam os documentos. A guerra lo-pesina, de mistura com as disputas entre liberais e conservadores, ensejava acalorados debates públicos, em muitos dos quais aparece o nome de Apolinário não sem resquícios de timidês.

O emeritíssimo nome de Apolinário, de resto, evoca um periodo brilhante da intelligência rio-grandense, aquê-le último quartel do século passado, em que na poesia, na oratória, na publicística, no precetorado, na politica, nas letras, nas artes e nas ciências despontaram personalidades da mais relevante envergadura.

Ele versou sucessivamente todos os gêneros literários e deixou volumosa bagagem em prosa e verso, além de numerosos inéditos, muitos dos quais comportam reservas, por lhes faltar a necessária autenticação. Figura de autodidata impar e poucas vêzes igualado no Brasil, Apolinário Pôrto-Alegre situou-se em posição de incontestavel sobrelevância — o lugar comum se impõe — em face dos seus contemporâneos. Podemos afir-

mar sem receio de contradita que êle foi um autêntico sábio, cujo espirito aquilino não esteve alheio a nenhum assunto, mesmo em se tratando de filosofia.

Na ardente luta contra os humanistas no século XIX havia um forte substrato cartesiano e uma ponderável dosagem de racionalismo. Apolinário compreendeu o homem á maneira de Terenciano, considerando-o como um todo psico-físico e calcando a dicotomia inicial dos seus pensamentos e raciocínios quer na antropologia agostiniana — existencialista, quer na antropologia tomista-tecnocêntrica.

Filosofo, pois, na melhor significação da palavra, tão deturpada a partir de Kant, que destacou o primado da inteligência objetiva na aquisição do conhecimento, já defendido, aliás, pelo criticismo, versadíssimo nas teorias de Spencer, Haeckel e Darwin, com um cabeçal extraordinário de leituras científicas, Apolinário permaneceu acima dos postulados ortodoxos e unilaterais, entre a filosofia pragmática da experiência e a filosofia bergsoniana da intuição, sem incorrer jámais em exagêros dialéticos e vendo na especulação mental, primeiro que tudo, uma base indispensável á formação integral do espirito.

Filosoficamente, de fato, êle foi um grande especulador, para quem não bastava a verificação da Natureza, sendo mister acrescer-lhe a sondagem dos fenômenos extra-lógicos e meta-materiais.

Raros terão como êle demonstrado tão amplos horizontes mentais. Alguem o chamou de lídimo gigante do pensamento. A sua obra, realmente, é de tal

modo vasta e multifacetada que se torna difícil, senão impossível, distinguir o que há mais para admirar nela. A bem dizer, nenhum assunto foi estranho á sua inteligência privilegiada. Mas, acima de tudo, interessavam-lhe a filosofia, o folclore, a etnografia e a etnologia. Estamos certos de que êle produziu trabalhos recomendatórios nêsses domínios e poderíamos recordar muitos de sumo valor. Basta, porém, aludir ao "Popularium Sul-Rio-Grandense" que vale por um dos mais vigorosos no gênero que se tem escrito no Brasil e quicá na América latina em todos os tempos. Como demo-psicólogo, Apolinário partiu do geral para o particular. Para êle a realidade primária do Ego coletivo era o costume. Entre parênteses, é curioso notar o visceral interesse com que êle estudou os hábitos típicos do Rio Grande.

O "regional" de Apolinário era um composto, animado por forças humano-cósmicas poderosas, em que as tradições e as conquistas do ancestralismo não eram apenas um fator acessório.

Há todo um estudo por escrever sôbre Apolinário Pôrto-Alegre. Relendo-o agora, sentimos que a sua obra guarda uma riqueza de erudição, uma magnitude, uma fartura de conhecimentos, um ecletismo que não se encontram facilmente nos fastos da intelectualidade brasileira.

Assiste inteira razão aos que o consideram uma verdadeira balisa na história cultural do Rio Grande. Poeta do mais puro quilate, cujos versos de esmerado labor tem êxtases líricos e solilóquios de dôr; romancista

que se elevou acima do nível comum, grande, por conseguinte, dentre os maiores do Brasil; teatrólogo, cujas composições dramáticas, pela ousadia dos seus entrecos, lograram quando encenadas desusado êxito, determinando ao mesmo tempo verdadeira reviravolta na literatura teatral da época e dando em resultado uma nova era para a ribalta rio-grandense que, diga-se de passo, já possuía excelente repertório próprio; educacionista competentíssimo, cuja obra, aureolada do mais vivo fulgor, assume inconfundível amplitude; "conteur" que colocou o meio ambiente em primeiro plano, em toda a luz, etereotipando com pulso firme tipos e cenários; filólogo e linguista doutíssimo, que se alçou ao espigão das mais laboriosas perquirições, muitas das quais mereceram entusiásticas referências de inúmeras sumidades européias e foram transcritas na revista da Sociedade de Geografia de Hamburgo; exegeta sutil, que produziu esplendida apreciação crítica sobre José de Alencar; jornalista, orador, historiógrafo, sociologista, pensador e homem de ciência dotado de acurado espírito investigativo que versou expeditamente os mais difíceis temas de americanologia, geologia, botânica, etnologia, etnografia, arqueologia, folclore e antropologia, eis, em largos e fugitivos traços, o que foi Apolinário Porto-Alegre, de quem Pedro Moacyr falava como das maiores cerebrações do seu tempo.

*
* *

Apolinário nasceu na cidade do Rio Grande a 29 de Agosto de 1844 e faleceu na Santa Casa de Misericórdia da capital gaúcha a 23 de Março de 1904. Foram seus pais Antônio José Gomes Porto-Alegre e D. Delina Joaquina da Costa Campelo, ambos rio-grandenses. (7)

Era de puro sangue açoriano, quanto á ascendência paterna. Quando menino, aprendeu as primeiras letras na cidade natal, no colégio do professor Sebastião Coutinho Santana, português de origem, mas profundamente integrado no sólo adotivo. Em 1859 o seu pai, que era funcionário da fazenda imperial, foi nomeado inspetor da alfandega de Porto-Alegre, para onde transportou a família. Em 1861, conclusos os preparatórios, no Colégio Gomes, do seu parente Fernando Ferreira Gomes, (8) Apolinário seguiu para São Paulo afim de estudar direito, como tantos outros comprovincianos que para lá seguiam todos os anos, á procura de novas luzes.

Tinha, então, dezeseite anos. A sorte, porém, conspirava contra o futuro cantor de "Bromélias." E ei-lo a interromper a carreira estudantil por falecimento ino-

(7) Segundo o depoimento de Augusto-Porto-Alegre, o chamamento de Porto-Alegre foi adotado por Antônio José Gomes depois da sua mudança para a capital rio-grandense, afim de obviar os embarços decorrentes de certa homonímia.

(8) Fundador do Colégio Gomes, á rua da Igreja, quasi esquina da rua Clara, em que Apolinário completou os seus preparatórios. Nele estudou também o único filho de Antônio José Gomes — Lúcio — que não cultivou as belas letras, mas soube manter os fóros de intelectualidade da família, pois foi no seu tempo uma das vozes mais eloquentes da tribuna forense no Rio Grande.

pinado do progenitor, pouco depois de tê-la iniciado com a alma fervilhante de anseios.

De volta á Pôrto-Alegre, Apolinário viu-se na contingência de assumir a direção da família, composta de sua mãe, uma tia materna e três irmãos menores. Moço inteligente, vivo, portador de uma cultura pouco comum na sua idade, não lhe foi difícil ingressar no magistério pela mão do professor José Pedrosa, em cujo colégio passou a lecionar.

Alguns anos mais tarde, isto é, em 1867, já mestre conhecido e estimado da juventude estudiosa, Apolinário decidiu trabalhar por conta própria e fundou o Colégio Pôrto-Alegre, coadjuvado pelo seu irmão Aquiles. Não são poucos os que o apontam como um estabelecimento inovador. Não se deve olvidar, realmente, que foi a mais adiantada a orientação pedagógica nele adotada. Não é menos oportuno salientar que influuiu consideravelmente na remodelação do ensino no Rio Grande. Em 1870, desta vês com o concurso do seu irmão Apeles, Apolinário fundou o Colégio Rio-Grandense, de brilhantes tradições, só o fechando em 1876 para organizar e dirigir com Hilário Ribeiro um novo estabelecimento escolar, o Instituto Brasileiro.

A'quele tempo, o estrênuo pedagogo andava preocupado com a substituição das obras didáticas de João de Deus, dado o seu caráter antiquado.

E' muito para deplorar que se tenham extraviado muitos dos documentos relativos ao referido Instituto, pois pelos seus bancos passou toda uma geração de homens illustres. Não é demais que se acrescente: alguns

sublimes não se extirpão, morrem com o povo em que nascerão, a arca santa, o tabernaculo de myriadas de gerações.

Fechemos, porém, o parentheze aberto e continuemos em nossa narração.

Sancho Escafuza era um verdadeiro monarcha. Ninguém montava como elle.

Ajuntavão-lhe o restrictivo *das cochilhas*, porque morava talvez em um lugar onde o terreno desenrolava-se em doces ondulações, ou por outra razão que ignoramos.

Na occasião em que o Sr. Oliveira o procurava, achava-se a uma legoa de casa, empregado com as duas irmãs e um escravo na soba do matto.

Vamos encontrá-lo em um hervaço. Trabalha com fervor.

Escafuza está junto a uns girões, sobre os quaes a nerva sapecada de vespera passava pelo processo da torrefacção a fogo lento. Elle dizia ao escravo, que atcava o fogo:

— Miguel, cuidado! Não me ponhas lenha verde eue dê fumaça. Se estragas a herva!

Olha, tira esse tóro de timbana, não quero também angico que tem rezina. Ah! *negro, da para do diabo!*

N'uma vasta eira que havia dentro do matto, área que servia para passar ligeiramente pelas chammas os ramos tenros e finos da congonha apenas collidos, e d'onde ião em seguida aos girões, duas moças senão bellas ao menos lindas separavão nas joieiras o po fino do grosso, levando este aos pilões onde devia ser nizado para a continuação do fabrico.

Com tal trabalho todos estavam verdes, e não se nodia distinguir a face do senhor da do escravo.

Enquanto continuão em sua occupação, vejamos o negociante e seus companheiros. *passam em canoas abastecidas de* Passarão a pinguela durante a noite, com grande difficuldade, mas nada de saca *na toca*.

Só no outro dia pelas dez ou onze horas torão dar a um pequeno rancho.

O Sr. Oliveira pensando que já seria algum aggregado do monarcha, mandou descer uma de suas canastras o vestio-se em grande gala.

O vaqueano acercou-se d'uma mangueira e esbafou-se ao sacramental.

— O de casa,

Muito tempo decorreo antes que viessem abrir-lhe a porta.

Afinal appareceo uma africana, velha como um seculo.

— Sabes onde mora o Sr. Sancho Escafuza, monarcha das cochilhas, que tem irmão negociante nas bandas do Sul?

— Aqui mesmo, meus senhores.

O negociante cahio das nuvens.

— Um homem que se intitula monarcha! Aqui! ? murmurou elle.

Página do conto "Monarcha das Cochilhas" emendada por Apolinário (Murmurios do Guahyba) — Abril de 1870)

dêles ainda estão vivos e podem dar o seu depoimento. Deve-se notar o seguinte: Múcio Teixeira diz que o Instituto Brasileiro é o mesmo Colégio Rio-Grandense, que apenas teria mudado de nome.

Todo aquêle que se encontra ao par da verdade poderá dizer, no entanto, que os informes conhecidos infirmam e desalicercam essa asseveração. Sabe-se hoje com segurança que o Colégio Rio-Grandense foi de fato fechado em 1876. De jeito que a confusão proposta por Múcio Teixeira não encontra nenhuma justificativa.

E' conveniente aditar que o Instituto Brasileiro, nos seus últimos tempos, funcionou na Casa Branca, num regime exclusivo de internato.

Nos interstícios das aulas, Apolinário refugiava-se no seu gabinete, sempre fornecido de grande número de livros e aí, a sós consigo mesmo, separado do mundo exterior por grossas paredes de alvenaria, em objetivas manifestações da sua predisponência á solidão, consagrava-se ao estudo, num titânico esforço de autodidaxia, sem esquecer, entretanto, as belas-lettras que cultivava com igual devotamento, a ponto de colaborar simultaneamente em diversos hebdomadários.

Coincidindo o desaparecimento da revista do PARTHENON com a publicação do "Album de Domingo", Apolinário passou a escrever regularmente no novo semanário, juntamente com Damasceno Vieira, Luiz da Mota, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Alexandre de Moura, José Bernardino dos Santos, Augusto Totta, Artur Candal e outros antigos partenistas.

Pelo mesmo tempo surgiu "O Caixeiro" de Gaspar Guimarães, destinado também a acolher em suas colunas a colaboração de grande número de sócios da extinta confraria. Esse periodico, apesar da sua curta existência, exerceu citavel influência sobre as letras rio-grandenses, tendo contado desde logo com o apóio franco de Apolinário, cujo nome, a partir de 1868, como que se tornaria imprescindível em qualquer órgão literário, mercê da sua incontestada prevalência. Serviu êle, também, de tribuna ao pregoamento de avançados princípios, dos quais Apolinário seria, desde o verdor dos anos, indefesso apologista e porta-ideal.

Digno de consideração é o fato de que êle não se demorou a fundar o Club 20 de Setembro, afim de dar plena evasão ao seu entusiasmo propagativo.

De resto, Apolinário foi sempre uma alma eletrizavel, dando o máximo de si em todas as causas que esposasse. Sobretudo há a considerar que quando se pensou na fundação do PARTHENON foi êle dos mais entusiastas, preocupando-se desde logo com o seu futuro, indo ao extremo de discutir o seu apelativo, recaindo a escolha afinal, por consenso unânime, num que, evocando a grandeza espiritual da Helade, preiteava a memória dos seus sábios e artistas.

Detalhe curioso, talvez hoje de poucos lembrado: a doação de Caldre e Fiação não foi arbitraria ou casual, mas foi feita depois de prévia consulta aos demais partenistas, preocupados como estavam todos em escolher um local consentâneo para a ereção da séde própria

da sua arcadia, inviabilizada por obra exclusiva dos Fados.

O terreno doado, com efeito, atendia a todos os requisitos: uma colina verdejante, em meio a uma várzea descortinavel, análoga àquela de Atenas em que se ergeu o monumento clássico da arquitetura helênica, e, mais ainda, nas adjacências de plácida lagôa, que refletia na mansidão das suas águas espelhantes a silhueta singela da Capelinha de Santo Antônio, frequentadíssima pelos fieis da Estrada do Meio e sítios circunvizinhos.

Afirma-se que Apolinário nutria especial predileção por aquele pinturresco recanto, visitando-o amiude afim de espairar em solitárias andaduras. Diz-se outrónto que muitas das páginas da sua obra de estréia, publicada sob o pseudônimo de Iriêma, foram escritas ali.

O PARTHENON, nos últimos anos, funcionou no centro da cidade. Quando não conseguia o necessário isolamento em seu escondedouro habitual, Apolinário dirigia-se para a sede da sociedade, sobraçando livros e papéis. (9)

Até 1891 a sua vida decorreu entre a cátedra e a pena. A morte prematura da esposa, pouco depois do falecimento da única filha, traumatizou-lhe a alma.

(9) Entre os prédios por ela ocupada, pouco antes de extinguir-se, contam-se dois intimamente ligados à crônica de Porto Alegre colonial: um à rua do Riachuelo, fundos do Teatro São Pedro e outro à rua Nova, depois denominada Gal. Victorino, esquina do bôco João do Leite, há muito desaparecido. Esse bôco oferecia, como particularidade, uma calha central, perigosíssima nos dias de chuva.

Com o agitaçãoismo parlamentarista, foi preso e conduzido a uma prisão comum, pois, conforme se alegou, “não era bacharel formado, nem possuía patente da Guarda Nacional.”

Ambas as ocorrências foram-lhe dura provação. A superveniência da revolução aconselhou-o a emigrar para o Prata, via Santa Catarina, onde escapou por um triz de ser degolado durante a chamada “chacina de Florianópolis.” Regressou ao Rio Grande fisicamente combalido, recolhendo-se á Casa Branca que encontrou em condições de completa decadência, em parte escolmada e com vários panos de parede carecentes de imediato reparo. Sem recursos e sem forças para voltar ás lides do professorado, amargo e possuído de uma pontinha de desesperança, o grande sábio apelou para o “Jornal do Comércio”, então a folha mais antiga do Estado e dirigida por seu irmão Aquiles.

Nêsse jornal publicou êle fragmentadamente o seu ensaio “Viagem á Laguna”, riquíssimo de anotações sobre a flôra e a fauna ictiológica do sul catarinense. E’ bom que se frize: bastará o exame mesmo perfunctório da obra para se concluir que representa, no gênero, trabalho de truz.

Vale a pena recordar um fato interessante ligado a êsse prócero trabalho. Publicado no “Jornal do Comércio” parceladamente, conforme acentuamos, Aquiles lembrou-se de enlivra-lo, aproveitando para isso a própria composição tipográfica utilizada naquela divulgação. Apolinário nada opôs á idéia. Um belo dia, porém, não se sabe exatamente porque, êle resolveu destruí-lo.

culado a esses trabalhos, como seria fácil demonstrar, se necessário fosse. E' arriscado, bem sabemos, extrair conclusões genéricas de fatos isolados. Já estamos capacitados, porém, para julga-los acertadamente.

Talvêz levassemos muito tempo se nos propuzessemos a expor a nominata e a bibliografia relativas á primeira fase literária precedentemente apontada. Não seria, contudo, esforço dispiciendo faze-lo. Aqui também merece registro esta observação: alguns nomes, pelo seu relêvo, bem justificariam qualquer discorrimento. Além do mais, há que assinalar que no evoluer da literatura rio-grandense, o PARTHENON foi a transição entre o romantismo meramente visionário e contemplativo e o romantismo lirico, mais lamuriendo quicá mas também mais impregnado de sentido humano, mais tenso de vibração social. E' isso, aliás, o que explica ter sido possível um Lóbo da Costa.

Pelos elementos de que dispomos, já em 1835 a população rio-grandense não seria tão indouta e mazorra, como há quem deseje fazer acreditar.

Se fosse possível traçar um esquema das explosões da inteligência rio-grandense no periodo anterior a 1868, estaríamos em crêr que os resultados obtidos surpreenderiam a mais de um.

Saltam á evidência, desde logo, os nomes de Araujo Pôrto-Alegre (10), José de Araujo Ribeiro, Joaquim Caetano da Silva, Augusto Canabarro, Carlos Ferreira, Bibiano Francisco de Almeida, Felicissimo Manoel de

(10) Não era parente de Apolinário. O sobrenome pertence ao dominio da pseudonímia.

Azevedo, Afonso Marques, Candido Batista de Oliveira, Carlos Eugênio Fontana, José Antônio do Vale Caldre e Fião, Delfina da Cunha, Padre Santa Barbara, Manoel José da Silva Bastos, Clarinda da Costa Siqueira, Rita Barém, Inácio de Vasconcelos Ferreira, Amália Figueirôa, Antéro José Ferreira de Brito, Antônio Manoel Correia da Câmara, Zeferino Vieira, Antônio Eleutério de Camargo, Antônio de Azevedo Lima, José Ribeiro de Andrade e Silva, Antônio Estevão de Bitencourt e Silva, Antônio Florêncio Pereira do Lago, Manoel Veloso Paranhos Pederneiras, Antônio José Caetano da Silva, Artur Candal de Carvalho, Francisco de Paula Soares, Carlos Rodrigues Chaves, Domingos de Araujo e Silva e Francisco Xavier da Cunha, para não mencionar outros analogamente dignos de um retrospecto consecratório e que constelam os anais da literatura pagueana.

Um exame detido das suas produções, em grande parte sonegadas ao conhecimento da posteridade por conspirata de inúmeros fatôres, sobretudo pela insuficiência de veiculos conservativos, dá-nos a certeza de que elas consoam com as congêneres subseguintes, quanto á conspicuidade dos seus autôres.

De muitos, impõe-se análise menos ligeira, contraindo-se-lhes as figuras de todo em todo sugestivas.

Nada conseguiu desaconchegá-los das letras e a esquadrinhadura dos seus trabalhos demonstra que foram autênticos devotos da arte de escrever, pelo que cumpre içá-los do olvido em que jazem, justapondo-os aos mais dignos de excogitação.

Especialmente os chamados escritores da Revolução, entre eles Serafim Alencastre, Pedro José de Almeida, Lopes Ferrugem, Francisco de Sá Brito, Maria Josefa Barreto, A. A. P. Coruja, Ulhôa Cintra, Antônio Vicente da Fontoura, Manoel dos Santos Figueirôa, Joaquim José de Araujo, Magalhães Calvet, Francisco Augusto do Amaral Sarmiento Mena, Vicente Ferreira Gomes e Apolinário Pereira de Moraes propositadamente excluídos da enumeração anterior, em face do presente reparo, estão reclamando mais do que simples apontamentos ou escôrcos trabalhados á carreira.

Ao recordarmos os versos de Sarmiento Mena sentimos que eles guardam um estranho caráter de essencialidade, refletindo, amiudadamente, o "maelstroem" da epopéia decenal. Eles não sobrevivem apenas nas lembranças de acaso, ao pé dos "fogões" galponeiros, sempre propícios ás miradas retrospectivas, mas persistem na revivescência continuada do ancestralismo rio-grandense, como se fossem a própria voz de um nume tutelar ou de um Vichnu crioulo, tal qual é facilmente averiguável.

Diante dêles perguntamos a nós mesmos se não terá seu vislumbre de verdade a afirmação, alhures formulada, de que a poesia é uma espécie de fio invisível cozendo o tecido do tempo.

Foi no predestino da sua suscetibilidade espiritual, germinando em brôtos de luz, que o povo rio-grandense pôde emparelhar-se em curto prazo ás demais parcelas da coletividade brasileira. Não fôra isso e sómente quando o Rio Grande estivesse infletindo para o

século XX é que haveria possibilidade de qualquer surto mental.

Vem a pêlo, nesta altura, referirmo-nos ao clima espiritual reinante no extremo-sul ao findar a guerra civil consolidativa das idéias liberais desde o começo acariciadas pelo povo gaúcho. Se devessemos sintetizar em poucas palavras o sentido do transcendente evento, diríamos que ele se inspirou no romantismo político da época, consociável com o romantismo literário, movimento de reação contra a rigidez dos velhos modelos greco-romanos, cuja palavra de ordem foi a revogação da estética clássica e o estabelecimento de novos valores expressivos. Se com alguns românticos, ele se limitou ao retôrno ás formas medievais, originadas no estilo provençal, com outros adquiriu consignaível amplitude, a partir da "Muse française", réplica literária da "Jovem Europa."

Entendiam os revolucionários das duas sociedades que ás novas idéias deviam corresponder novas expressões. Não será necessário apelar para os documentos para vêr que a revolução farroupilha teve lugar exatamente no período aureo do romantismo, quando os preconcios hugoanos, exarados no prefácio de "Cromwell", alimentavam a chama das "querelles littéraires" e influíam conhecivelmente no proselitismo dos carbonários e maçons. Estavamos, portanto, em pleno zenit do romantismo, quando a pomba da paz pousou novamente nos taboleiros verdes do pampa. Daí se conclue que o momento era excepcionalmente favorável ao florescimento das letras. Como se negar, de resto, que a im-

prensa já tinha alcançado um razoável gráu de desenvolvimento na Província?

Contrariamente a uma crença muito generalizada, o semanário "Múrmurios do Guahyba", fundado por Felix da Cunha, de volta de São Paulo, onde brilhantemente conquistara o bacharelado, não foi o primeiro periodico literário que se publicou no Rio Grande.

Por outro lado, não participamos da opinião de que os jornais rio-grandenses, pelo menos até tarde, pouca atenção dispensaram ás cousas da literatura. Percorra-se a coleção de cada um dêles e vê-se-á que temos razão.

E' necessário acentuar que mesmo as gazetas mais antigas não se alhearam totalmente dos assúntos beletrísticos e a partir de 1845 a maioria dos periodicos timbraria em apor, no cabeçalho, a palavra literário ao lado das palavras noticioso, politico, critico, etc.

Não seria justo deixar de dizer uma palavra sôbre as publicações, que, intimamente ligadas á história do pioneirismo literário no Rio Grande, ajudaram a carpintear uma nova mentalidade. E' claro que muitas delas tiveram efêmera circulação. Releva notar, no entanto, que deixaram empós si um rastilho inapagavel, como não é difícil verificar. Até hoje não nos foi possível apurar a data exata do aparecimento do "Estudante", periodico critico, científico, literário e poetico, segundo reza a própria legenda inscrita sob o título. Redigido durante algum tempo por Ernesto Silveira da Veiga, parece ter surgido por volta de 1860. Não é supérfluo observar que nêle colaboraram inúmeros prosa-

dores e versistas de valôr. Deve ser acentuado, também, que logrou enorme aceitação por parte do público legente, não muito numeroso então, mas importante do ponto de vista qualitativo.

Uma das revistas menos conhecidas do Rio Grande oitocentista que consideramos das melhores para o estudo da literatura rio-grandense intitula-se "O Guahyba" e foi fundada por Carlos Jansem, Miguel Meireles e João Vespucio de Abreu e Silva por volta de 1856 ou em seguida ao ano de 1854. Marcou época, creando ao mesmo tempo um periodo refulgente no publicismo rio-grandense, a que prestou assinaladissimos serviços. Nela colaboraram Zeferino Vieira, o magnifico vernaculizador de Byron e Lamartine, Pedro Antônio de Miranda e tantissimos outros, cujos nomes estão indissoluvelmente ligados á história literária do Rio Grande.

Ao procurarmos traçar as linhas gerais da literatura rio-grandense, outra publicação preciosa que encontramos é a denominada "Culto ás Letras", mantida pela associação do mesmo nome, atrás mencionada. Não hesitamos em afirmar que foi de grande préstimo para a beletristica gaúcha.

E o que se verifica, de relance, é o interêsse com que Apolinário Pôrto-Alegre nela colaborou seguidamente.

Deixando de parte o conjunto da obra produzida pelos primogênitos das letras rio-grandenses, que é variada, volumosa e consignant de fôrtes predicados intellectivos, vale que se examine, de passagem, á vista dos elementos conseguiveis, a fascinante personalidade

de alguns dêles, afim de que possamos julgar acertadamente o periodo pre-partenista, opulento de radiosas afirmações poligráficas.

De Delfina da Cunha, a Céga, poetisa desde a pubescência, falecida em 1857, não é temerario nem arriscado afirmar que foi uma alma talhada para o virtuosismo versifico. O seu estro desabrochou como cândida flôr num jardim ridente de sonhos e fantasias. Admitir-se que as suas páginas bárdicas se ressentem de certa consistência emocional seria concluir erradamente. A verdade é que elas apresentam forte politonalidade, revelando ao mesmo tempo agudissima palestesia. João Pinto da Silva comparou-a a Marceline Valmore. Examinando-se os seus versos, verifica-se com efeito que êles exibem um lirismo singular de tal modo puro e simples que aumenta e realça profundamente a sua graça natural e a sua espontaneidade. E' inútil querer subalternizá-los. Mesmo porque pode-se repetir, sem temor de qualquer desmentido, o conceito feliz de Chateaubriand: "A critica nunca matou o que deve viver e o panegirico, êsse nunca deu vida ao que está condenado a morrer." Ninguém mais autorizado do que êle para formular essa advertência.

E' lamentavel que Rita Barém de Mélo, talento temporão, cognominada a Juriti do pampa, não haja ainda despertado o necessário interêsse. Dela disse Araújo Pôrto-Alegre, em carta de 4 de Março de 1874 dirigida a Manoel Pereira da Silva Ubatuba: "Há nas suas obras o cunho do verdadeiro engenho." Essa opinião coincide com a de Caldre e Fião. Apolinário Pôrto-Alegre, que

foi por assim dizer o guia espiritual de duas gerações, estimulando as inteligências nascentes e desempenhando a senda dos neófitos, subscreveu também idêntico parecer e não é de outro modo que Múcio Teixeira nô-la mostra. Há quem suponha que as suas composições poéticas de maior monta estão reunidas no volumezinho "Lira dos quinze anos." Ao observador menos atento da sua obra não custará provar a falsidade dêsse modo de pensar. E' de notar que em todos os tempos foram os poetas os grandes construtores de imagens. E é um contentamento inexprimivel quando essas imagens incidem em nossos sentimentos mais intimos. Com o plectro de Rita Barém isso ocorre. Isento de melifluidades, tão ao gosto da época, minada pelo germe do desencanto e do auto-depressionismo intoxicantes, é de tão comovedora inspiração que a gente se vê tentado a ouvir sempre os seus harpejos. Com justiça, pois, não se poderá dizer da sua obra que oferece apenas uma importância secundária (11)

De outros vultos, como Amália Figueirôa e Clarinda de Siqueira, apesar do pouco que dêles podemos saber, é legitimo dizer que beberam nas fontes mais puras do Parnaso, sensiveis ao extrêmo, saturando-se de visões românticas diante das realidades terebrantes do século.

No mundo, aliás, tudo é tão precário que a crença em algo de extraterreno se torna indispensavel para a aceitação da vida. Dirão certos otimistas á maneira de

(11) Em precocidade, só Delfina da Cunha e Lobo da Costa, que estrearam aos doze anos, a excedem no Rio Grande.

Pangloss que não é preciso ir no encalço de tantas quiméras. Sempre, entretanto, procuraremos algo acima de nós e se hoje ainda o ideal contrapõe-se ao útil qual não seria o estado de subjetivismo durante o reinado do romantismo, em que o amúo deliberado não raro cedia lugar a um estranho sadismo de auto-destruição!

A poesia de Amália Figueirôa, pontilhada de evasões byronianas, com resquícios de esquizoidia e lampejos ultra-trágicos, embora não apresente riqueza metafórica nem denuncie qualquer tendência joalheiresca, deixa entrever um espírito de eleição, de inequívoca e cintilante beleza. Estuante de sonhos cândidos e ingenuas ilusões, excele-se pela cristalinidade dos seus acentos, pela translucidez e compreensibilidade dos seus leit-motivs não raramente orquestrados em altissonantes elegias. Nem seria compreensível que ela não procurasse escutar antes de tudo o còro multivoce das próprias emoções irreprimíveis, emotiva como era.

Ignoramos a que necessidade interior ela ia buscar, habitualmente a força impulsora dos seus cantos. Mas estamos habilitados a afirmar que jamais se eximiu aos apelos da interioridade e plasmou versos polirítmicos, puríssimos, frementes de magnética sedução. Não haverá muitas outras poetisas que se lhe comparem em suavidade e ternura. Viceu liricamente, esbanjando o seu tesouro de compreensão humana. E finou-se como uma flôr cortada cerce, depois de cingir o diadema da glória.

Dela Aurélio de Bitencourt escreveu em 1872: "... inspirada poetisa rio-grandense, cujas estrofes un-

gidas de sentimento não há quem deixe de lêr com interesse."

Talvês não seja erro afirmar que Caldre e Fião possuiu a primazia, no tocante ao regionalismo literário no Rio Grande. Quasi poderíamos dizer: êle foi o bandeirante número um nêsse domínio.

Alegar-se-á que antes dêle muitos trataram das coisas típicas do extremo-sul. Ninguém cuide, porém, de achar nêles traços de autênticos regionalistas. E' questão pacífica que o regional em literatura constitue um gênero definido, não bastando, para caracterizá-lo, simples anotações.

Convém esclarecer ainda que o regionalismo só fez escola após o pleno desenvolvimento da reação romântica, que só se cosmopolitizou nos meados do século XIX, assumindo em muitos países, no Brasil inclusive, uma feição de acentuado nativismo.

No Rio Grande, a inseparabilidade entre êsse nativismo e o desabrôcho das letras regionalistas é de todo inquestionável.

Disto tudo se infere que a novela "A Divina Pastora" de Caldre e Fião, publicada em 1837, pôde ser tida como a primeira manifestação do regionalismo literário propriamente dito no Rio Grande. Nascido em Pôrto Alegre em 1813, depois de haver concluído os estudos na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, regressou á terra natal, distinguindo-se logo como facultativo de grande clinica. D. Maria Isabel, sua esposa, não tardou a fundar um recolhimento para creanças de còr num sítio próximo de São Leopoldo, destinado a ser um cen-

tro de propaganda abolicionista, de enorme destaque no seu tempo. A sua estréia como homem de letras verificou-se com a publicação da novela "A Divina Pastora", linhas atrás referida. Seguiu-se-lhe "O Corsário" (1841), outro livro do mesmo teor, que ocupa lugar relevante no seu espólio literário. Foi Caldre e Fião, sem dúvida, um dos mais fecundos talentos do Rio Grande. Como prosista, deixou-nos um grande número de obras que atestam irretrucavelmente a sua cêpa mental. Dizer, pois, que êle preluz no estrelário das letras rio-grandenses é percutir uma tecla batida, senão mesmo incidir num surrado truismo.

Carlos Ferreira nasceu em Pôrto-Alegre em 1844 e era ainda um imberbe adolescente quando ensaiou os primeiros passos na senda nem sempre florida das belas-letras. Poeta, teatrólogo e homem de imprensa indisputavelmente talentoso, já os seus primeiros gatafunhos deixavam entrever a munificência do seu espirito, acilhado.

Quando em 1865 uma coluna paraguaia invadiu o Rio Grande, D. Pedro I rumou para a Provincia invadida, afim de se colocar á frente das forças que deviam repelir o invasor. Na sua passagem por Pôrto-Alegre, Carlos Ferreira, que era então um humilde aprendiz de ourives, recitou-lhe uma das suas poesias. Tal foi a impressão recolhida pelo Bragança que este fê-lo seguir para São Paulo, afim de estudar.

Como de tantos outros, as obras de Victor Hugo foram os seus livros de cabeceira e sovaco, denunciando muitos dos seus poemas, transbordantes de hyperboles,

aquela hugolatria de que jámais abdicou, no gosto inalteravel do derramado e do castigado.

Maria Josefa Barreto, que de 1833 a 1834 redigiu em Pôrto-Alegre o jornal "Bellona", celebre desde logo pelo seu exaltado liberalismo, não possuia o que vulgarmente se chama cultura. O que possuia não pôde assemelhar-se senão a uma espécie de intelligência ultra-aguda, voltada sempre para as realidades politico-sociais da época. Olhos aguçados para tudo, entretanto, ella demonstrou dutilidade mental acima do comum, no atendimento dos problêmas cardiais da comunhão rio-grandense.

Foi, pôde-se dizer, uma escritôra de raros attributos e quando se estudar no futuro a historia das letras rio-grandenses com a desenvoltura que ellas reclamam, talvez um dos documentos mais preciosos para a comprehensão da sua fase primoponenda sejam algumas das suas páginas.

Verdade, de facil comprovação, é esta: Bibiano Francisco de Almeida, filólogo e poeta de estilo bocagiano, cujas chocarrerias e quadrinhas satiricas obtiveram grande voga, notabilizando-se outrossim pela sua letra de eximio e esmeradissimo caligrafo, máu-grado o pouco que produziu, destacou-se desde logo como um dos corifeus das letras estremenhas no periodo anterior a 1868.

Não conhecemos — aqui devemos confessar por um dever de lealdade — a maioria dos seus trabalhos. Mas pelo que dêles sabemos estamos autorizados a concluir que merecem atento estudo. Nasceu elle em 1838

na povoação de Belém, familiarizando-se com os segredos do alfabeto na escola do Padre Chagas, que era tido na conta de um homem ilustrado. Disse um critico, cujo nome não nos ocorre, que Bocage e Tolentino não o excederam na sátira, nem na causticidade. Mais do que qualquer outro do seu tempo, Bibiano Francisco de Almeida professou, realmente, o culto da mordacidade.

Francisco Xavier da Cunha, irmão do grande tribuno Felix da Cunha, nasceu em Pôrto-Alegre, em 1835.

Em 1845, quando de sua viagem ao Rio Grande, afim de visitar oficialmente a Provincia recém-pacificada, D. Pedro II crismou-o, mandando, ao mesmo tempo, que se lhe franqueasse a carreira das armas. Afastado da caserna por motivos de saúde, isso por volta de 1855, dedicou-se inteiramente ao jornalismo, tendo adquirido pouco tempo depois "O Mercantil" com Carlos Jansem, Pedro Antônio de Miranda e outros. As letras foram-lhe mais do que méro "divertissement."

Sucedeu-lhe, porém, deixar-se dominar pela politica. Só em 1874, em publicação póstuma, seriam enlavradas as suas poesias, em que transparece o seu "habitus philosophandum." Os que deitam os olhos sobre os seus versos não podem deixar de vêr nêles uma inspiração hipertendida, em que o imaginativo sobrepuja o sensitivo, não apresentando, no entanto, um cunho mais descritivo do que emocional, como já houve quem pretendesse.

A poesia de Francisco Xavier da Cunha, vista em conjunto, panoramicamente, é leve, flexivel, anti-convencional, sem qualquer traço inestético ou inhar-

mônico, oferecendo uma dotação lirica regumante de encantos.

A gente os lê de enfiada, sem resfolegar. Nesta reseña por alto, é justo não esquecer Antônio Pereira Coruja que é, sem a menor sombra de dúvida, um dos vultos mais expressivos do intelectualismo rio-grandense.

Em 1830 nasceu êle em Pôrto-Alegre, que era então um modesto agrupamento arraialêsc. Foi aluno de Antônio D'Ávila, o Amansa-Burro, homem portador de incuravel atrabáilis que durante muitos anos regeu uma escola particular, aterrorizando o discipulado com a sua atormentativa e implacavel palmatória. Desde menino distinguiu-se pelo seu apêgo aos livros. Mal transposto os umbrais da adolescência abraçou o magistério, votando-se ás letras nas horas de lazer. Pouco depois da sua prisão pelos legalistas, no periodo da revolução farroupilha, seguiu para o Rio de Janeiro, para poupar-se a novos agravos. Tornou-se, depois de velho, um boêmio inventerado extravaganciando em borracheiras e vivendo nas "repúblicas" dos estudantes rio-grandenses que o acolhiam sempre com a mais carinhosa benevolência.

Convém que se diga que as suas "Antigalhas" constituem valioso escriptorio de informações sobre as coisas pretéritas do Rio Grande.

O que mais surpreende na vida literária de Carlos Fontana é a circunstância de não ter êle cultivado o verso, numa época de visivel metromania. Foi apenas romancista e historiador. O seu romance "O Homem Maldito" appareceu em 1859 e respira um clima ultra-ro-

mântico. O título, por si mesmo, é bastante expressivo para dispensar comentários.

Já houve ensejo de se frizar o mérito literário de Inácio de Vasconcelos Ferreira. Nasceu êle em 1838 na então vila do Viamão. Abalancamo-nos a afirmar que foi o introdutor do parnasianismo no Rio Grande do Sul. Basta, de fato, um relance de vista sobre os seus versos de cuidadoso cinzelamento para termos uma idéia exata dos seus pendores estilísticos. Em pleno meio-dia do romantismo publicou êle uma obra de nitido recorte parnasiano.

Intitula-se "Um livro de rimas" e veio á publicidade em 1863. O que é indispensavel lembrar neste ponto é haver êsse trabalho alcançado autorizavel ressonância. Estamos de inteiro acôrdo com os que o consideram uma obra digna de lembrança, pois dela reslumbra um porta-lira de rescalhada e adiamantina inspiração, capaz de ciceronear o leitor pelos caminhos mais floridos da poesia.

E' acrescentavel a observação de que Inácio de Vasconcelos Ferreira foi também ardoroso jornalista, abrilhantando com a sua pena as colunas do "Jornal do Comércio" fundado em 1863 por Luiz Cavalcanti.

Podemos notar em todos os seus artigos forte tonalidade e rara resplandecência.

De feitio não inteiramente diverso daquêle que foi o apanágio de Amália, o lirismo de Clarinda de Siqueira está, entretanto, mais próximo do de Rita Barém. Possuindo em alto gráu a faculdade de emocionalização poética, divagadora e fantasista, anciosa de eterno, ás

vezes alegórica, compôs versos de finissimo lavor, alguns da mais apurada cinzeladura, em que se nota, para logo, o sêlo de uma sentimentalidade amaviosa e suspirante, mas incapaz de se desbragar no vulgar ou no chilro.

A nós nos parece que ela, como poetisa, não teve outro objetivo além do serviço das Musas. Poucas poetisas, realmente, se identificaram como ela com a verdadeira essência poética. E se existe em poesia alguma cousa a que se possa dar o nome de intuição, essa esteve presente sempre nos versos de Clarinda, que soube perscrutar as sugestões do Bélo e da Natureza, não sendo raros nêles crepusculos esgarçando-se em sombras, lagos coroados de pálidos reverberos, águas espadanando em jorros, bosques murmulhantes, brisas em compasso de "berceuse", ante-manhãs brotando como imensas magnólias de luz.

Tanto de Afonso Marques, como de Manoel José da Silva Bastos, existem numerosos trabalhos vasados em bôa fórmula. Para aquêles que se não inclinam com a devida atenção sobre a obra do segundo, não foi êle senão um rabiscador mais ou menos inteligente. Não é necessário, entretanto, que se seja arguto para discernir os seus inescureciveis méritos. Poder-se-ia dizer que as suas péças obtiveram grande êxito.

Teatrologo dos mais interessantes que o Rio Grande possuiu na primeira metade do século XIX, Manoel José da Silva Bastos escreveu dramas e comédias de impecavel feitura, sendo de citar, entre elas, "O bravo de Caceros" e "Os dois gêmeos." Dêle disse Apolinário, em estudo publicado em 1873: "Ao mesmo tempo que

dirigia as empresas referidas, que de per si bastariam para ocupá-lo, preenchia habilmente a falta de cenógrafos, atôres e punha sobretudo em ressalto sua multiplicidade como escritor dramático.”

Afonso Marques nasceu em Pôrto-Alegre em 1847. Segundo se sabe, era um belo tipo, alto, elegante, ostentando basta cabeleira sempre em desalinho. Morreu aos 25 anos deixando largo renome como tribuno, poeta lirico e agradável palrador. Disse um poeta da Helade que os que morrem cedo são os amados dos Deuses.

Já fincamos pé na persuasão de que as rodas litero-boêmias de Pôrto-Alegre, ao tempo de Apolinário, eram das mais animadas. Esse é um fato digno de ser lembrado. E' ressaltante que foram liça de requintados torneios e improvisos literários, em que a sátira acidulada, o calembur e o dito espirituoso se entrecruzavam, de permeio com versos rebentando em tropos e renascentes “enjambements.” Se abrirmos os arquivos e perquirirmos a causa, encontrá-la-emos sem muito trabalho.

O romantismo teve larga e duradoura repercussão no Rio Grande, librando-se os seus progonos em tumultuárias e esfusiantes florações espirituais, em que se confundiam, com graça, subtileza e colorido, as influências de Schelley, Leopardi, Espronceda, Victor Hugo, Camilo, Musset e tantos outros lúzeiros do movimento que nos deu a “Peregrinação de Childe Harold.”

Dados coligidos por alguns estudiosos já tinham mostrado o esplendor da época de Apolinário. Novas in-

formações, de que agora dispomos, permitem-nos avaliá-la melhor. Por este ou aquêlo motivo, o fato é que a fase aguda de expansão do romantismo no Rio Grande se caracterizou por uma boemia dominadora. Poder-se-á ter uma idéia dessa boemia se se disser que quasi todos os 'escritôres de então boemizaram, entre circungiros funambulêscos e calicezitos de absinto. E é bem provavel, quasi certo talvês, que os escritôres rio-grandenses da época de Apolinário mantiveram permanente contato espiritual com o resto do mundo. Não se poderia compreender, pois, que a sua obra não refletisse as inquietações de além-Atlântico.

Está hoje assentado, como verdade irrecusavel, que muitos dêles visitaram a Europa ou lá estudaram, trazendo para a sua Provincia natal o sentido dos grandes acontecimentos em curso no Velho Mundo.

E' justo não esquecer Custódio Vieira de Castro, que se doutorou na famosa universidade alemã de Wiceburgo, participando da guerra franco-prussiana como médico voluntário e entabulando relações com alguns dos maiores ciêntistas europeus da época, especialmente com Von Linhart; Joaquim Vieira da Cunha, que se bacharelou na Universidade de Coimbra em 1827 e viajou por diversos paises europeus; Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, que começou os seus estudos juridicos em Coimbra, Artur de Oliveira, que durante a sua estadia na França, privou da intimidade de Victor Hugo, Theophilo Gautier, Gustavo Doré e outras figuras pinaculares da literatura francêsa e Eduardô Er-

nesto de Araujo, formado em direito pela Universidade coimbrã, onde teve como colegas fulgurantes espiritos.

Um dos problêmas mais importantes para o analista da literatura rio-grandense reside indiscutivelmente em poder dispôr de documentação suficiente sobre o periodo que vai do aparecimento do PARTHENON até a sua extinção. Nêsse periodo afloram figuras das mais luzidias e renomeadas.

Pôrto-Alegre vivia, então, dias de grande fastigio literário e artistico. Salões onde imperavam a "cause-rie" e o janotismo, havia-os ás duzias. E' com êles, mesmo, que muitas vocações para as letras e as artes encontram a sua primeira oportunidade de corporificação.

O romantismo, adventado no Rio Grande por volta de 1830, não foi simples movimento litero-artistico. Foi muito mais do que isso. Foi uma reação em larga escala contra um mundo inartistico, fútil, desespiritualizado e vasio de ideais. Daí a sua feição caleidoscópica. Não fôra o receio de parecermos exagerados, nós diríamos que as "partidas" levadas a efeito pelo PARTHENON foram, sobretudo, força impulsora de reuniões semelhantes em casas-de-familia, como as realizadas frequentemente e com estardalhante entusiasmo por Argemiro Galvão, Adelina de Miranda, Aurora Mazon e outros.

Diante dêssas reuniões, o primeiro reparo que somos levados a fazer é o de que elas traduzem uma cultura reconhecivelmente admiravel para a época.

Foi dito e tem sido muitas vezes repetido que as manifestações de espiritualidade tem o seu fundo social.

E' fôra de dúvida, realmente, que o meio condiciona as afirmações do espirito. Mas para sermos justos devemos apreciá-las em face de um complexo conjunto de circunstâncias.

Qual o verdadeiro sentido da arte? A magnificação da vida, dir-se-á. Nós estamos com Taine quando afirma que ela representa uma necessidade social.

A arte realmente não existe se não se põe em comunicação dirêta com o "entourage" que é, na sua essência, o resultado do binômio homem-meio.

Para Ortega y Gasset, a arte nada mais é do que o complemento necessário da cultura, possuindo depois de realizada um grande poder de plasticização cultural. Se uma tendência estética, com efeito, se cristaliza em determinados cânones e adquire carateristicos especificos inútil é querer tirar-lh'os. Não se pôde pôr em dúvida que o povo rio-grandense demonstrou, desde logo, pronunciado gosto pelas letras e pelas artes. E é absolutamente exato que Pôrto-Alegre viveu uma época faustosa, no que concerne á inteligência, durante o interregno do PARTHENON.

Nada nos parece mais claro do que isso. Agora uma observação que queremos deixar registrada: êsse interregno deu ensancha a um fato memorando, ainda não devidamente apreciado pelos exegetas da literatura gaúcha.

Referimo-nos ás caminhadas e excursões realizadas "pedibus calcantibus" pelos partenistas através dos afôras pitorêscos da cidade, sobretudo pelas cercaduras do estuário remançoso, sempre chamalotado de

barcos com os panos em bojo, tão bem cantado por Augusto Totta naquele singelo poemêto de 1873:

Se a brilhante Guanabara
O leite de rosas tem,
O meu travesso Guahyba
tem mil primores também!

A séde do PARTHENON, antes da sua mudança para o centro, demorava no Caminho do Menino Deus que por ocasião das festas do Divino, em dezembro, adquiria desusado movimento, enchendo-se de carros-de-bois e tilburis apinhados de "foliões." Aquiles Pôrto-Alegre, numa página recordativa, traçou da velha estrada um debuxo pictórico e assim se refere ao local, onde floresceu o ideal fecundo dos arcades: "Aquêlê sitio, era, pode-se dizer, deserto e povoado, com uma ou outra casinha aqui e ali, como Belém Velho ou um trecho do morro de Santana, lá para as bandas do capão da Fumaça."

Essas palavras bem mereciam ser aqui reproduzidas uma vez mais, pois são sobremodo elucidativas.

Como se vê, o recanto escolhido para o funcionamento do PARTHENON não podia ser mais propício às expansões do poetismo. Quem quer que possuir um conhecimento perfeito da sua localização topográfica avaliará o que significava para os componentes do glorioso cenáculo.

Quantas vezes os partenistas, de volta das suas veladas, entreparavam á beira do caminho, expandindo a sua proverbial "monchalance" em alacres recitativos!

E, como fator que se tornasse indispensavel, nem mesmo faltava nessas ocasiões a urdidura de tresnoitadas e noctambulismos peripatéticos, sempre ricos de cogitações literárias, em meio á árdida fermentação de idéias.

Por outro lado, houve um momento em que as livrarias e redações de jornais tomaram tal vulto como ponto de palestras literárias que pareciam poderem conquistar por completo a preferência dos plunitivos.

Estamos quasi a dizer que a Livraria Americana, durante algum tempo, foi a Garnier de Pôrto-Alegre, reunindo-se aí, em amáveis cavaqueiras e bate papos, pro-sistas e versejadores do melhor estôfo. O vintênio que se seguiu ao fechamento do PARTHENON, pode assinalar-se por uma intensa atividade literária não só em Pôrto-Alegre, como em outras cidades da Provincia, nomeadamente Rio Grande, Pelotas, Rio Pardo, São Leopoldo e São Gabriel.

Não podemos deixar de fazer menção expressa dos que lograram preeminência, destacando os que se projetaram como pontífices e guieiros. Quem quer que possuir elementos seguros sôbre os seus trabalhos avaliará o que êles significam para a história das letras estre-menhas. O estudo do assunto leva á convicção de que os mais citaveis são: Lôbo da Costa, João Damasceno Vieira, José Bernardino dos Santos, Hilário Ribeiro, Múcio Teixeira, Graciano Alves de Azambuja, João

Vespúcio de Abreu e Silva, Colimério Leite, Amália Vieira do Nascimento, Manoel Gomes Viana, Joaquim de Freitas Vasconcelos, Luiz Cavalcanti, Ernesto Silveira da Veiga, Egidio Itaqui, Enéas Galvão, Emilio Barrios, Candida Fortes, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Oliveira Bélo, Luciana de Abreu, Francisca Pinto da Fontoura, Tomaz Inácio da Silveira, Aurélio Junior, João Manoel Batista Pereira, Andradina de Oliveira, André de Leão Parede, Anibal Cardoso, Antão de Faria, Antenor Soares, Antéro Ferreira D'Avila, Antônio Angelo Cristiano Fioravanti, Antônio da Costa Correia Leite, Antônio Joaquim Dias, Bernardino Silveira, Antônio Marinho Toureiro Chaves, Padre Antônio Marques Sampaio, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, Artur de Oliveira, Aparicio Mariense da Silva, Antunes da Luz, Cipriano Pôrto-Alegre, Catão Damasceno Ferreira, Carolina Von Koseritz, Custódio Vieira de Castro, Joaquim Vieira da Cunha, Carlos Jansen, Isolina de Abreu Canto e Melo, Carlos Alberto Miller, Carlos Bandeira Renaultt, Manoel Campos Cartier, Artur Toscano, Assis Brasil, João de Barros Cassal, Artur Rocha, Audalio Arquibalde França, Augusto Uflacker, Carlos Von Koseritz, Augusto Daisson, Augusto de Lacerda, Ramiro Barcelos, Carlos Thompson Flôres, Bernardo Taveira Junior, Alcides de Mendonça Lima, Oscar França Leite Pederneiras, Alvaro Chaves, Florêncio de Abreu, José Paulino de Azurenha, Sebastião Afonso Leão, José Teodoro de Souza Lôbo, Alexandre José Fernandes, Joaquim Antônio Vasques, João José Pereira Parobé, Cor-

reia de Oliveira, Felipe Nery, Alfredo Ferreira Rodrigues e Euridice Barandas.

Dizer da sua obra, parece-nos que será dizer de um fato interessantíssimo, crispado de revelações, muitas das quais nos ajudarão a compreender a fulgente e indesmaiável época em que o nome de Apolinário Pôrto-Alegre começou a amontanhar-se. Queremos crêr que José Bernardino dos Santos deve ser o primeiro a ser invocado.

Nascido em Pôrto-Alegre no ano de 1845, pertenceu ao pugilo de moços que desde logo acudiu ao toque de reunir do PARTHENON. Preso ao ramerrão de um mistér burocrático, ingado de percalços, mesmo assim foi um dos beletristas mais ativos do seu tempo. Foi ele quem prefaciou o primeiro livro de versos de Múcio Teixeira, intitulado "Vozes tremulas" e vindo á estampa em 1873. Escreveu profusamente em quasi todos os jornais e periodicos da época. Foi, todavia, nas páginas da revista do PARTHENON e nas colunas do "Rio-Grandense" que ele publicou o melhor do seu abundante acêrvo.

Estamos que Antônio Eleutério de Camargo não poderá ombrear com José Bernardino dos Santos, no que concerne á atividade intelectual. Nunca se lhe disputará, entretanto, o mérito de escritor sem jaça e não há como negar o seu brilho como editorialista. Em 1860, quando se esboçou no panorama politico do pais o rumoroso dilema "reforma ou revolução", fundou-se em Pôrto-Alegre "A Reforma", como órgão do partido

liberal, cabendo-lhe a direção do novo jornal, por indicação dos próprios correligionários.

O ano de 1853 estava destinado a vêr nascer dois dos maiores poetas rio-grandenses, ambos amigos afetuosos de Apolinário: João Damasceno Vieira e Lôbo da Costa.

Devemos convencer-nos de que um e outro foram lististas de elite. Segue-se disto: os seus nomes, apostos a versos lavrados no ouro dezoito quilates da inspiração, desapegados de qualquer artifício e transbordantes de comunicativas visionices, estão á espera de um perfilista percuciente.

Interessante é de notar que Lôbo da Costa, o mais popular rapsodo e madrigalista rio-grandense do século XIX, cujas dissipações e vagabundagens lhe valeram a legenda de Villon gaúcho, era um tipo de maneiras esquivas, quasi “gauches”, calado e intransitivo, embora ás vezes excitavel. Vitimou-o a hipocondria desde logo agravada por um autismo sem lenitivo que não raro attingia o ápice do desespero. Quasi toda a sua obra está rubricada por uma mórbida inquietude. Não há quem não conheça, pelo menos de oitiva, “Ranchinho de palha” que é o seu grande poema, aquêle a que ficaria ligado o seu nome como o de Lamartine ao “Lago”.

“Rosas Pálidas” e “Mariposas” são dois livros imaginosos, mas espontâneos, quasi sem brunidura, onde o autôr se romantiza em vibrações substantivas, traduzidas á sofrega, numa verdadeira “mélange” de idéias, sentimentos e impressões. O fato nada tem que possa surpreender. De qualquer ângulo que se vise a perso-

nalidade de Lôbo da Costa — é preciso que se diga — ela oferece aspectos bizarros, comprobatórios do seu temperamento esquizoide e quimerista. De onde se vê que João Pinto da Silva está cheio de razões quando o estuda sob um prisma todo especial. Sem termos a pretensão de encompridar a questão, o fato positivo é que ele fez flagrantemente da lavra de versos uma verdadeira valvula de escape.

E’ fóra de dúvida que João Damasceno Vieira foi um autêntico prédileto das Musas. Toda a sua poesia traz o sainete da inspiração. Aí está, para atestar o que ficou dito, o seu bellissimo hinário, escrito num estilo túrgido e vibrante, por vezes enfático, mas que dá sempre a impressão de facilmente se ter despregado da pena. Como exemplo expressivo, deve apontar-se o seu livro “Auroras do Sul.” (1879). Dêle se póde dizer que foi um aristocrata, um “sacerdos magnus” da arte versificatória.

Outro principe do verso foi Bernardo Taveira Junior, nascido em 1835. A versatilidade e a polimorfia do seu talento, entretanto, se evidenciam ao mais ligeiro golpe de vista. Humanista e glossologo do seu porte houve poucos no Brasil. Como Tobias Barreto, foi um admirador da “kultur” germânica, tendo assinado uma série de traduções intitulada “Poesias alemãs” em que figuram alguns dos mais formosos poemas de Schiller e Goethe.

Apaixonado, também, da literatura portuguesa, “que está bem patente, aliás, no seu poema “Primus inter pares” dedicado á memória de Alexandre Herculano,

Bernardo Taveira Junior realizou literariamente o tipo perfeito do "homo multiplex", ciente e consciente do seu valôr. Os seus cantos abolicionistas, de véra altivolência, têm a força condoreira dos de Castro Alves. Não cabe aqui, como é óbvio, o estudo da sua obra.

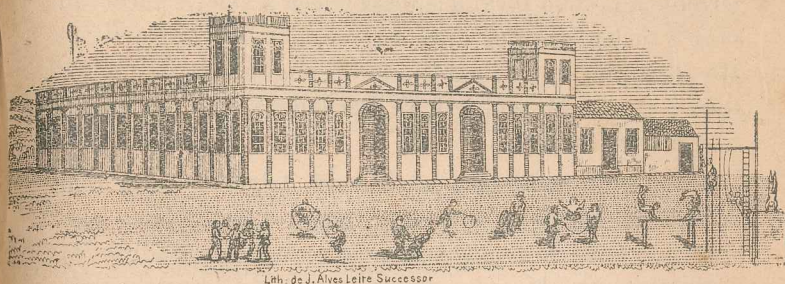
E' indispensavel não esquecer ainda Luciana de Abreu, que foi a primeira mulher rio-grandense a falar de uma tribuna, conquistando merecido renome como conferencista. Ia reunir em volume as suas preleções quando a morte a colheu de surpresa. Entre os vultos exponenciais do partenonismo, é dos que mais merecem destaque, pelo acentuado vigor do seu finissimo e cintilante espirito. Tanto isso é verdade que Apolinário Pôrto-Alegre a tinha em alto apreço, qualificando de notaveis as suas orações.

De fato, bastará que uma delas seja lida para evidenciar o seu valôr. E' de salientar ainda que Luciana de Abreu se situa cronologicamente entre as primeiras feministas brasileiras.

Do que queremos dar idéia aqui é da sua formidável capacidade de antecipação, abordando assúntos avançadíssimos, no tocante á educação da mulher.

Hilário Ribeiro — o Hilarinho, como lhe chamavam os intimos, por ser de pequena estatura — nasceu em Pôrto-Alegre em 1847. Foi um dos fundadores do PARTHENON e amigo devotadissimo de Apolinário, que lhe dedicou o seu poema "Gabila." Temperamento de artista, inteligência poliforme, o seu nome não teve nunca, no entanto, quem o realçasse devidamente. Coube-lhe revolucionar a instrução pública no Rio Grande

com os seus livros didáticos, dados á lume em edições sucessivas, facilmente esgotaveis, uns na casa editora de Rodolfo José Machado, nosso provavel ascendente, outros na Livraria Americana, então sob a firma Carlos, Pinto & Cia.



O Instituto Brasileiro, segundo uma litografia da época

O seu livro "Lições do lar", desdobrado em quatro tomos, alcançou nada menos de 28 reimpressões só até 1893. No Rio, foi grande amigo de Silvio Romero e Tobias Barreto. Durante algum tempo regentou uma aula pública na Azenha, entre a antiga Ponte de Pedra e a embocadura do Campo da Redenção.

Foi ali que êle escreveu, segundo se acredita, os seus belos poemas insertos na revista do PARTHENON.

Alexandre José Fernandes pôde ser considerado um dos escritores mais fecundos do seu tempo. Nasceu na cidade do Rio Grande em 1864. Consta que deixou seis volumes inéditos. Cultivou, com irrealizável maestria, a arte da facécia e do asteismo. Mordaz, sarcasta e ironista, as suas "boutades" lograram ampla vulgarização.

Para não nos alongar demasiadamente, vamos escolher entre os nomes atrás relacionados apenas os de maior irradiação.

E' impossível não sentir nos versos de Múcio Teixeira o sopro da verdadeira estésia. Não há quem no Rio Grande e mesmo fóra dêle desconheça a sua "Canção ao luar", decantada por José Verissimo e Silvio Romero. Há nela um sentido profundo de poesia e aí borbulha toda a finura do seu artifice, verdadeiro mineiro de gêmas e pepitas raras.

Não seria justo, nem justificavel, deixarmos sem uma referência especial o nome de Augusto Totta. Não é possível deixar-se de reconhecer nêle um lidimo rendilheiro da palavra rimada, cujos versos, onicolores e apaixonadamente limados, fazem lembrar uma ourivesaria de metaforas e imagens. Dizer que êle ocupa posição de realce nas letras rio-grandenses é repetir uma afirmativa inconcussa.

Não podemos esquecer, por outro lado, o clavicórdio de Eduardo Ernesto de Araujo. Não são poucos os que o colocam ao lado da lira de Múcio Teixeira. Ele revela, realmente, uma fina hiperestesia e uma incomum sensibilidade, afirmantes de vigorosos dotes poéticos. O seu rimário, de sonoro timbre, ponteadado de peregrinas jóias, flue límpido e fluente com as águas duma ribeira alpestre, exalando uma frescura de primavera.

Os seus versos fizeram época em Coimbra, quando ali estudou, arrancando aplausos dos professores e suspiros das "tricanas."

Renato da Cunha compôs o tipo acabado do poeta romântico. Sabia de cór a "Noite na taberna" de Murger. Os seus cantos, impregnados do ceticismo de Byron e da melancolia de Musset, denotam a sua marcante individualidade. Vestia-se com dandismo e donaire, às vezes excessivos, pelo que grangeou fama de presunçoso e pedante. O seu livro "Rutilações" comporta interessante estudo de personologia.

Há nêle, por vezes, uma verdadeira inflação de hiperbatos e conjunções aberrante do senso estético mais mofino.

Outros nomes culminantes que sobressaem como picos mais altos, dominando a paisagem mental, parece serem: Joaquim Antônio Vasques, o Dejenais dos folhetins dominicais da "A Reforma"; Manoel Marcelino Pires Filho, epigramista e "causeur" de alto coturno, (12); Graciano Alves de Azambuja, que durante muitos anos manteve correspondência com Branner, Lindmann, Huysmans e outras notabilidades da época, tendo publicado o seu "Anuário" durante duas décadas e meia; Eudoro Benlink, professor, jornalista e autôr dramático; e Zeferino Vieira, já anteriormente citado. O aspecto interessante a destacar no fato é que o aurorecer do PARTHENON, concomitante ao "debut" autoral de Apolinário Pôrto-Alegre, realizou-se em circunstâncias de

(1) Da sua copiosa produção, pouca cousa resistiu á ação deletéria dos anos. Todos os escritos que ficaram em poder de sua irmã D. Isabel Pires Bandeira foram incinerados, para satisfazer o seu próprio desejo. (Veja-se Aquiles Pôrto-Alegre — Homens Ilustres do Rio Grande do Sul — P. Alegre, 1917).

todo mencionáveis, pelo avanço intelectual que revelam. Resta-nos saber até que ponto êsse avanço influíu na avulsão literária de Apolinário.

Não nos venha ninguém obter perar, como já houve quem o fizesse, que grande parte das obras anteriores ao amanhecimento do PARTHENON não passa de péca literatagem, subscrita por bisonhos escrevinhadores.

Não é preciso ser critico amensista, nem assertor sistemático para vêr que os escritos anteriores a 1868 revelam mais do que simples iliteratos e grafomanos e se a bibliátrica pudesse restaurar muitos dêles de afirmavel imarcescibilidade estaríamos em que poderiam servir de balizamento para todo um periodo de incandescentes locubrações.

Não se concebe como se possa afirmar o inverso. De nós, devemos acentuar que entre os paleotipos da literatura rio-grandense muitos existem denotadores de vigorosas qualidades. Poder-se-ia acrescentar que o desconhecimento reinante sobre os tempos primordiais do beltrismo estremenho é o maior responsável pela pressa com que se tem julgado os seus vultos e fatos.

*
* *
*

Folhear a coleção da revista do PARTHENON é conhecer a maior parte da obra de Apolinário, no tocante á sua produção esparsa. Há de se chamar a aten-

ção para o fato de que já nos números iniciais dessa publicação vemos o seu nome integrando a comissão de redação, ao lado dos nomes de José Bernardino dos Santos, Hilário Ribeiro e outros.

Nela publicou êle um apreciável número de poesias, contos, crônicas, romances, dramas, comédias e estudos bio-bibliográficos. Uma série destes chegou a ser programada por certo impressor. Quiz o destino, porém, que essa feliz idéia não se realizasse.

Não se pôde apurar quando Apolinário começou a escrever na revista "Murmúrios do Gualhyba." Não pôde haver dúvidas, porém, de que não foi muito tempo depois do seu aparecimento. O caso é que no seu terceiro número, ela estampa o substancioso parecer emitido por Apolinário, como membro da comissão de crítica do PARTHENON, relativamente ao romance "A doida" de José Bernardino dos Santos. Não faltará quem diga que data daí a sua colaboração. Sem esforço se poderá provar que desde então não se interrompeu a atividade mental do ilustre obreiro das letras. De para-se-nos na "História Literária do Rio Grande do Sul" de João Pinto da Silva o seguinte reparo: "A obra dada á lume pelo insigne poligrafo não corresponde, talvez, á terça parte da que êle deixou esparsa pelos jornais, ou inédita, e hoje por aí anda, lamentavelmente, aos retalhos, extraviando-se pouco a pouco" Não queremos esquivar-nos de dizer, nesta altura, que Augusto Daisson salvou do desbarato algumas das páginas mais brilhantes do notável polímato.

A sua estada em São Paulo, conquanto breve, devia ter-lhe proporcionado decisivo convívio com numerosos intelectuais, isso sem falar nas rodas acadêmicas, tradicionais viveiros de inteligências sequiosas de saber.

E a prová-lo aí está a sua imediata adesão ao estabelecimento do PARTHENON, como neo-literato vincituro ex-surgindo do anonimato num súbito extravasar de tendências talvês até então reprimidas.

O seu aparecimento em livro ocorreu em 1869 com "O Vaqueano." Oferece êsse romance grande atratividade, pelo seu sabor localista. E' pegar do tomo e verificá-lo.

Sabemos que êle respira uma atmôsfêra indianista muito densa, deixando entrever uma possível influência da técnica narrativa então usada pelos ficionistas de maior nomeada, o que não seria de admirar, pois, como é notório, o romantismo no Brasil impregnou-se desde logo de forte substrato nativista, assumindo, em seus moldes e têmeas, a partir de Araujo Pôrto-Alegre, um caráter de verdadeiro nacionalismo literario.

As "Americanas" de Bernardo Taveira Junior, aparecidas juntamente com "O Vaqueano" em 1869 ou seja em pleno periodo romântico, se ressentem da influência do "Colombo" e do "Uruguai" o primeiro de Araújo Pôrto-Alegre e o segundo de Basilio da Gama. Há quem veja no livro de estréia de Apolinário uma obra inspirada nos romances alencarinos.

Pôde-se perguntar: tem cabimento êsse modo de pensar? Por necessidade de interpretação critica poder-se-ia admiti-lo.

Daí, porém, a afirmar-se que "O Vaqueano" foi escrito sob o incitamento da obra alencarina vai grande diferença. Nada mais absurdo do que estabelecer confrontos puramente teóricos em literatura.

Alguem viu nêle a influência de Caldre e Fião que, conforme já assinalamos, foi o precursor por excelência lo regionalismo literário no Rio Grande. Como no anterior, talvês haja nêsse modo de vêr um pouco de exagero, mas não se pôde negar que uma sólida camaradagem ligou os dois ilustres intelectuais. O certo é que o romance possui trechos como este: "Muitos anos lá vão, filhos, desde o tempo em que Inhabané, junto ás águas de Cuanza, fazia guerra aos homens do outro lado do mar. Quantas vezes já as árvores não despiram as folhas?"

Ninguém certamente negará que êsse boleio de frase corresponde ao maneirismo vigorante entre os escritores nacionalistas da época, podendo, pois, ser assemelhado quér ao fraseado de José de Alencar, quér ao de qualquer outro plúmítico de idênticas tendências, como Macedo, Bernardo Guimarães, Manoel Antônio de Almeida ou o Visconde de Taunay.

*
* *
*

Enganam-se os que pensam que a bibliografia de Apolinário Pôrto-Alegre seja pequena em relação ao

*Não é
essencial,
mas fato
confessado
por Apol.
nário!*

Alencarino

muitíssimo que produziu. A questão da qualidade, no entanto, é a primeira que se depara a quem procura estudá-la, pois o emérito homem de letras imprimiu o selo da sua robusta personalidade em todos os seus trabalhos.

Cabe principalmente ao critico estabelecer a importância de cada um. Com a publicação de "O Vaqueano" ele se firmou entre os maiores publicistas rio-grandenses, abrindo ao mesmo tempo a fase de transição entre o ecletismo e o regionalismo. Vale o seu livro de estréia como um esforço de originalidade, fazendo a literatura rio-grandense emergir do fundo do seu temário subjetivo em estuosa corrente de auto-definições, num florir de novos valores plásticos.

Vejamos, compendiosamente, os trabalhos mais significativos de Apolinário, insertos alguns deles em jornais e revistas de difícil acesso, apontando as respectivas datas, sempre que possível :

Romances e novélas	O Vaqueano (1869)
	Gracina
	O Crioulo do Pastoreio (1875)
	Flôr de laranja
	Feitiço duns beijús (1873)
	Os dois amôres
	Lulucha (1873)
	Palmares
Contos	O homem e o século
	Flôr do campo

Paisagens (1874)

Poesia

Túmulos (1881)
Lampyrios
Gabila (1874)
Bromélias (1874)
Flôres da Morte (1904)
América
Lira Patriotica (1892)
Cantos do Exilio
Flôres da Noite (1904)
Lampadario

História e Política

História da Revolução de 1835
Cancioneiro da Revolução de 1835
(1935)
Estigmãs e Apoteoses
Polêmicas

Teatro

Sensitiva (1873)
Os filhos da Desgraça (1874)
Epidemia Política (1874)
Ladrões da Honra (1875)
Cam e Jafé (1868)
Mulheres (1873)
Benedito (1872)
Gildo
Tobias (1874)
Crônicas teatrais
Jovita

Prefácios

Prefácio ao livro "Crepúsculos" de Amália Figueirôa
Prefácio ao livro "O Rio Grande Independente" de Alcides Maya (1898)

Filologia	{	Estudos filológicos (1872)
		Dialeto Nacional
		Raizes
		Origens aryanas do guarany
		Morfologia aryo-guaranítica (1880)
		Anotações ao dicionário de Carlos Aulete
Ensaismo	{	Anotações ao dicionário de vocabullos brasileiros pelo tenente-general Visconde de Beaurepaire-Rohan
		Popularium Sul-Rio-Grandense (13)
		Viagem á Laguna (1896)
		Biografia de José de Alencar (1873)
		Esbôço biográfico de Manoel José da Silva Bastos (1873)

Depois de Apolinário Pôrto-Alegre, nenhum escritor conseguiu realizar no Rio Grande uma obra com a vastidão e a profundidade que êle soube imprimir aos seus estudos, cuja importância todos proclamam “a una voce.” Se ambicioso fosse, não poderia ambicionar glória mais bela para o seu nome. Tão grande foi a re-

(13) Supõe-se que foi editado em 1917 na Imprensa Nacional, por ordem do Marechal Hermès da Fonseca. Em nossa opinião, a falta de dados concretos desautoriza qualquer dedução nesse sentido. Abstraindo de algumas hipóteses menos verosímeis e tomando como base o que nos dizem, entre outros, Alcides Maya e Francisco Gonçalves de Miranda, este autor de uma interessante “Memória da Imprensa Nacional”, publicada em 1922, parece que os originaes da obra chegaram, realmente, ás mãos de um funcionário daquela repartição, desaparecendo no grande incendio que aí se verificou pouco depois. Sobre o que não resta dúvida, é que não se conhece o mais leve indício de ter sido impressa.

pereussão dos seus escritos no Rio Grande que talvez seja impossível hoje avaliá-la devidamente.

Já adquirimos a certeza de que não poucas vezes um livro ou um simples artigo ganha em significação quando apreciado detidamente, através das deduções que uma análise percuciente permite aos que dêle tomam conhecimento. Uma obra, publicada num momento recuado, pôde á primeira vista ser julgada como um trabalho comum, carecendo, pois, de maior significado. Mas se a analisarmos com atenção, buscando as causas que a determinaram, chegaremos á conclusão de que foi o resultado de circunstâncias diversas, refletoras de uma situação merecedora de mais demorada consulta.

De tal sorte não há senão reconhecer a importância de “O Vaqueano” como obra regionalista, inspiradora de trabalhos similares. Ainda no tocante a êsse romance, é bom pôr de manifesto que a reedição de 1927, segundo cotejo que estabelecemos, apresenta algumas discrepâncias em relação ao texto original constante da revista do PARTHENON. “Paisagem morta” chama-se o primeiro capitulo. Aí o talento de Apolinário encontra ensejo para magníficos arroubos. O traço descritivo é vigoroso, preciso, equilibrado, rogando por vezes as raias do aticismo. Desvenda á imaginação do leitor, com grande nitidês, o cenário compaginado: um retalho dos campos de Vacaria, nas barrancas do Rio Pelotas, que arqueja assonorentadamente como um enorme reptil, regougando cavo requiem. O urutáu, o mais melancolico anacoreta do mundo ornitológico, que

só espalma as azas para os seus solitários remigios nocturnos, junta os seus pios intermitentes ao piar das corujas, aos mios das jaguatiricas e ao solfejo das itanhas. As águas estão "frias como as geleiras e silenciosas como os êrmos." De tudo rescende opressiva tristeza. Nem o tapir, nem o guará, nem a cangussú se afoitam a abandonar as suas furnas, pois o inverno amortallhou a natureza em seu sudário de neve.

O quadro, palhetado por Apolinário, constitue na verdade uma impressiva página literária. Há nela, antes de tudo, força de estilo e riqueza de imagens.

Toda a narrativa, de resto, desenvolve-se no mesmo diapasão estilístico, movendo-se as suas personagens centrais, como José de Avençal, Manduca Pereira, Manoelzinho e Rosita Capinchos, num clima de recrescente dramaticidade, genuinamente romanêscó.

Nem mais nem menos do que por isso é que elle ocupa o primeiro lugar no ficionismo de Apolinário. Vem a propósito observar, embora pareça que não, que o estilo do grande poligrafo não oferece qualquer laivo de intemperança, seja elle méro descritor de uma cena, seja atento glosador de importante questão linguistica, repugnando-lhe o vistoso, o verborrágico, o efuso, o cenográfico, o exhibitório. E' verdade que alguns dos seus versos parecem não totalmente destituídos de certo empolamento ou aparato verbal. Isso, entretanto, não invalida o nosso asserto, pois estamos falando em tese. Ademais, a poesia é um gênero em que não ficam mal certas preciosidades e tafularias.

O volume "Paisagens" foi publicado pela Biblioteca Rio-Grandense como o primeiro de uma série contratada com o livreiro J. J. de Avila. Contém os seguintes contos: Mandinga, Pilungo, Os butiazeiros de Tia Anástacia, Tapéra, O monarca das coxilhas e O vaileiro. Muito importa apreciar o vigor de alguns deles.

O protagonista de "Tapéra", um dos mais vigorosos, é um antigo guerrilheiro farroupilha, que ao saber da morte trágica da noiva se suicida, fazendo-se picar, no peito, por duas caranguejeiras. "O Crioulo do Pastoreio" foi publicado também como parte integrante da Biblioteca Rio-Grandense, a que aludimos anteriormente. Reconhecemos que não é fácil a tarefa de verificar até que ponto essa obra aprofundou o sulco do regionalismo. Quem a observa com cuidado, apercebe-se no entanto que ella logrou brilhante carreira. Fossem outras as circunstâncias e talvez esse êxito tivesse sido impossível.

Pontilhada de anotações demo-psicológicas e galeando ás vezes sugestivos localismos, espontam nela reparos sutis e comentos incisivos, designativos de uma acrisolada faculdade de percepção.

Tanto nos contos de "Paisagens" como no texto de "O Crioulo do Pastoreio" o que se constata, para logo, é uma bem marcada psicologia do telurismo gaúcho, sob o triplice aspecto sócio-geo-humano. Quem como nós tem estado em frequente contacto com esses dois trabalhos pode avaliar a sua preexcelência como contribuição ao estudo dos valores originaes e epigenéticos do tradicional rio-grandense. Encharcados de sentido

gauchista, bem demonstram que Apolinário foi um infatigável enceleirador de apostilas folclóricas, tendo dispensado particular interesse às entidades místicas, semi-lendárias ou fantasiosas como expressões típicas de tradicionalidade.

O Negrinho do Pastoreio foi um dos seus assuntos prediletos como folclorista. Pode-se afirmar, sem temor de réplica, que o Rio Grande foi desde logo uma terra rica de abusões, mitos, contra-mitos, encantos, sortilégios e assombramentos, conquanto pouquíssimo santimonial. Hajam vistos os casos do índio Sepé e da preta Josefa que pertencem mais ao domínio da supersticiosa do que ao domínio da devoção. Muito se tem dito e escrito sobre a lenda do Negrinho do Pastoreio, achador de animais tresmalhados e objetos perdidos. É evidente a insustentabilidade da versão consignada por Basílio de Magalhães e outros concernentemente ao seu suposto parentesco com o Sacy.

Tem razão aqueles que a qualificam de reconto genuinamente rio-grandense. É preferível, entretanto, chama-la de símbolo magnífico de um povo extremamente ideólogo, crendeiro e sensitivo. Talvez nenhum outro relato tenha conseguido uma maior popularidade no extremo-sul, integrando-se de modo tão profundo no seu folclore regional.

Há nas páginas de "O Crioulo do Pastoreio" um sopro de verdadeiro lirismo gauchesco. Encontramos nelas, em traços de pinturista, cenas de irresistível magia, com garças ariscas e aligeras narcejas riscando os estepes esmeraldinos, quero-queros de alcatéia nas coxi-

lhas, sangas brilhando como vidraçaria e magníficos exemplares da raça que conquistou o próprio "habitat" em arremessos centaúricos reveladores de descomedido e hiperbólico espartanismo.

Houve em Apolinário, realmente, mais que um compilador e divulgador de subsídios culturológicos. E não cabe dúvida quanto ao seu atilamento exegético. Já por vezes, anteriormente, temos feito referências à sua irradiante acuidade. Dai poder-se garantir que estudou a fundo as questões do folclorismo rio-grandense, dirigindo, não raro, críticas ácidas aos bibliopiratas e iconoclastas de arquivos e baús familiares, pois os reputava fonte de primeiríssima ordem.

Qualquer pessoa, em face dos seus estudos folclóricos, pode verificar que possuía de fato o senso preciso desse gênero literário e isso numa época em que ele ainda engatinhava, metido em cueiros.

Para se ter uma idéia de quanto Apolinário se antecipou, atinentemente à demo-psicologia, basta observar o seu "Popularium Sul-Rio-Grandense", diante do qual somos levados inevitavelmente a uma atitude de espanto, tamanha é a sua riqueza em erudição.

Segundo ouvimos dizer, Apolinário, em seus últimos anos de vida, pensava escrever um trabalho especial, monográfico, sobre as lendas, fabulas e crendieiros rio-grandenses, apontando-lhes as formas diversificantes e dando particular atenção às mais características, como, entre outras, Angoera, Mãe-de-Ouro, Teiuiaguá, Mbororé, Salamanca de Jaráu, Sepé, Negrinho do Pastoreio e Cavalão-Encantado.

Em sua opinião, Sepé e Angoera, este também conhecido pelo nome de Generoso, constituíam entidades profundamente integradas no sub-consciente coletivo do povo gaúcho, podendo ser equiparadas a Perceval, Cyd, Roldão, Bayard, Guilherme Tell e outros no que concerne á sua origem eminentemente popular. Não é exorbitante dizer que Angoera pertence ao ciclo missioneiro, como Sepé, Mãe-de-Ouro e tantas outras criações antropomórgicas encontráveis na literatura oral rio-grandense.

Bailador consumado, êle não perde comes-e-bebes na campanha, atribuindo-se-lhe a seguinte copla:

Eu me chamo Generoso
Morador em Pirapó,
Gosto muito de dansar
c'oas moças, de paletó!

Não será de todo inoportuno invocar nesta altura outro fato não menos interessante. Segundo nos disse Augusto Pôrto-Alegre, que privou da intimidade de Apolinário na Casa Branca, o insigne patricio pensava também, em seus últimos anos, escrever um ensaio sobre os mandingueiros, mágicos, exorcistas e benzedores no Rio Grande.

E' igualmente de Augusto Pôrto-Alegre a declaração de que Apolinário se interessava profundamente pela música rio-grandense, rica desde logo de variações melo-ritmicas, tendo mesmo esboçado um pequeno estu-

do sobre a introdução da modinha no Rio Grande, em que a considera descendente em linha réta do fado criado pelos guitarristas de Alfama que foram, incontavelmente, os adaptadores da serranilha galiziana em Portugal.

Oitiva sempre atenta ás vozes do povo, visão munida de sensível estereoscópio, Apolinário teria tido, realmente, repetidas oportunidades de ouvir e vêr, do ponto de vista psico-demológico, cantigas e bailados ricos de expressividade populista.

Bastará indicar, por mostra, o material documentativo recolhido ao *Popularium*. A verdade é que Apolinário costumava frequentar as atafonas do Caminho do Meio, por ocasião das "farinhadas", afim de ouvir as canções e musiquetas dos peões e raspadores.

Todos quantos conhecem "O Vaqueano" e "O Crioulo do Pastoreio" não ignoram que êles marcam um dos momentos culminantes da literatura regionalista no Rio Grande. Talvez nenhuma outra novela de Apolinário tenha conseguido uma maior penetração na psicologia da amável paisagem rio-grandense, tão bem apreendida por Alcides Maya e Roque Callage. O pampa tem fisionomia peculiar e alma própria. Até o ossuário das tapéras possui estranho poder de suggestionabilidade. Que insólita magia se evolva da ruinação de um rancho derruido ou da ossada de uma casa-fazendeira, onde apenas o titerí faz seu ninho, quando as últimas rutilações do sol, morrendo em hemoptises de luz, ruborescem e poetificam os campos tufosos, sara-pintados de graciolas e bibis!

Que mundo de sugestões não cerca, sob o palor de um crescente, a silhueta grave de um umbú solitário!

José de Avençal ocupa um lugar bem distinto na novelística gauchêsca. Monarca legítimo, com as arestas do espirito ainda por debastar, os seus transportes heroificantes e os seus excitamentos sentimentais são bem os de um gaúcho-de-fogão, romanêsko, cavalheiroso, propenso aos reencontros tumultuários na chanura dos campos infindáveis. No ritmo do cavaleirar sem destino certo, largando a trote curto, com o coração transbordante de anseios sem endereço e desejos tontos como bolas sem manicla, ou na cadência marcial das arrancadas turbilhonantes, quando os cascos reestrungem no rastro da morte, José de Avençal é um personagem vivo, palpitante, como o Miguelito de Alcides Maya, como o Blau Nunes de Simões Neto, como o Alacran de Javier de Viana!

Sob alguns aspectos, mesmo, José de Avençal lembra Miguelito, guásca vivaracho, para quem a suprema ventura parecia consistir na liberdade de cruzar os pagos enfeitigantes e efluviosos, lindagos no mais, ao sabor do acaso, chegando de quando em quando a um bolicho para libar uma graspa, ouvir um chote fazendo a terça com o pé ou oreilhar a sota!

Houve em Apolinário, conforme temos dito, mais que um homem de letras no sentido restrito da expressão. O seu espirito excursionou por todos os departamentos do saber. Mas linguista é que êle foi mais que tudo. Os seus estudos filológicos bastariam para fazer a reputação de qualquer tratadista. E' bem possível que

o seu renome de filologo na Alemanha tenha tido origem, em boa parte, no entusiasmo admirativo de Carlos Von Koseritz. Seja como fôr, o fáto positivo é que êle chegou a ser conhecido e admirado nos mais adiantados centros culturais do Velho Continente.

De resto, conhecemos suficientemente os seus trabalhos linguisticos, enfeixados em volumes ou publicados fracionariamente no periodismo do tempo, para que avaliemos o seu justo valôr. Qualquer pessoa em face das "Anotações ao dicionário de Caldas Aulete" ou "Do Português falado no Brasil" pôde verificar que se trata de preciosa contribuição. Não está ainda esclarecida a data em que apareceram em letra de fôrma os primeiros trabalhos filológicos de Apolinário.

Há quem indique para o caso o ano de 1868. Mas já houve quem estabelecesse o de 1864. A questão, em si mesma, é ociosa. Na verdade, sabemos que a sua atividade literária propriamente dita não recua além do ano de 1868. O falecimento do pai, induzindo-o a interromper o curso academico em São Paulo e, colocar-se á testa da familia, ficaria como um acontecimento decisivo na sua vida, dificultando-lhe os primeiros passos na seára das letras. Basta, aliás, considerar que os encargos então assumidos deveriam ter influenciado poderosamente o seu ânimo para se ajuizar logo que lhe teria sido difficil qualquer santiamém espiritual antes do advento do PARTHENON.

Mais ainda: os seus primeiros anos como tirocinante no colégio do professor José Pedrosa foram árduos, obrigando-o a repartir-se entre o ensino e o aprendizado.

Daí poder-se presumir que os seus primeiros escritos datam do aparecimento do PARTHENON. Não seremos nós, entretanto, quem tenha autoridade para afirmá-lo.

Nos domínios da filologia foi Apolinário um abalizado sabedor. No post-fácio de "Paisagens" dizia ele conter êsse livro "tresentos vocábulos e fórmulas desconhecidas á linguagem clássica", anunciando o lançamento de uma obra intitulada "Dialeto Nacional", para a qual já havia coligido "alguns dez mil termos e expressões." Em página do "Popularium" divulgada por Augusto Daisson, narra Apolinário como lhe nasceu o gosto pelas pesquisas filológicas. "Numa faina de farinha — escreveu ele — um peão ruscando com outro que paertava os tipitins na prensa, teve forte pendencia, em que me foi preciso intervir. Dizia-me ele no auge da colera:

— Veiu-me com "babulagens" de "pongó" ou "caborteiro", umas coisas de "bambaé"...

Mas ante a parlenda do meu patricio que durante um bom quarto de hora esbofou uma linguagem completamente alheia para mim, fiquei estatelado. Sem duvida, tinha mister de recommear os meus estudos, refaze-los, desde a cumieira até aos alicerces. Eu nada sabia e ele, rude agricultor e campeiro, era mais digno da América do que eu."

Vale a pena destacar-se também este trecho: "Era ele brasileiro e eu um manequim da Europa, deslocado no meio em que nasci, onde vivia e respirava, apesar de

conhecer várias linguas, história, filosofia e quejandas matérias."

Mais ou menos entre 1878 e 1880, na "Gazeta de Pôrto-Alegre", então dirigida por Carlos Von Koseritz, Apolinário deu á estampa uma série de artigos sobre a etimologia tupi-guarani, comparada com a lexiconese do sanscrito. Nêsse trabalho, o ilustre polímata revelou-se preluído escarvador de veios glossográficos, dando a medida exáta dos seus profundos conhecimentos sobre a ação deformativa dos hibridismos vocabulares. E' preciso não esquecer que Apolinário, iniciando-se no tupi-guarani, no quechua, no azteca, no caraiba, no taino, no bandú e outros idiomas, teve sobretudo em mira enriquecer o seu cabedal lexicológico, afim de melhor estudar as alterações sofridas pelo português no Brasil. Quem der revista aos seus escritos nêsse sentido verificará, por si mesmo, a procedência do nosso aserto. Não resistimos á tentação de reproduzir aqui o que escreveu ele em 1872 sobre o assunto: "Formular, pois, sem mais nem menos, uma conclusão que torne uma das linguas vivas atuais um como estolho ou perfilhamento dum tronco morto, será sempre em nossa opinião o desconhecer radicalmente o gênio das diferentes épocas, dos povos e até a fisionomia geográfica, que tem mais influência do que o supõem por meio de perfunctória análise. Quanto á última observação, para roborá-la, bastaria lembrar que na Europa fala-se o inglês, o português e o espanhol e as mesmas são faladas na América, porém, já distanciados na pronúncia e no vocabulário do uso ordinário muitos termos do qual

são verdadeiros neologismos, mineração riquíssima e original produzida pelas circunstâncias do clima, costumes, etc.”

Apolinário, de resto, como linguista, atribuía magna relevância às divergências semânticas, pois, no seu modo de entender, as linguas como instrumentos de expressão auto-ativos estão em perpetuo movimento, afastando-se não raro as palavras do sentido que lhes era etimologicamente próprio. Antes de Hovelacque, antes de Grammont, antes de Bopp, compreendeu ele que a filologia comparada é seára tanto de glossologos como de ortografistas, emprestando grande importância ao aparelho vocálico, intimamente ligado á corrente expiratória e ao tubo faringo-bucal, como fator de diversificação linguística. Isso, aliás, está bem demonstrado por Antoine Thomas em seus “Enssais de philologie française” e por Grammont em seu “Traité de phonetique”, obras valiosas, em que a ortofonia ocupa lugar destacado.

Estudando entidades neológicas e peregrinismos, Apolinário não se esqueceu de sublinhar os seus principais aspectos lexicogênicos. Apercebedor da importância do falar plebeu, pois a gente do povo é uma grande corruptora das palavras, propagando-se facilmente as vozes corrompidas, Apolinário também prestou atento cuidado ao que hoje denominamos “ritmo verbal” ou seja á tendência de contração verificavel em todas as falas eminentemente populares.

Queremos crer que foi Felicissimo de Azevedo quem iniciou o estudo do folclore rio-grandense. Muitos o acompanharam ou seguiram na nova trilha por ele aber-

ta, como ressurgidores de velhos infólios. Mas nenhum com tanto brilho como Apolinário, cujos trabalhos influíram sobremaneira nos de José Bernardino dos Santos, especialmente no que ele escreveu sobre as lendas e credices rio-grandenses para a revista do PARTHENON. Poder-se-ia até dizer que na coleta de elementos demo-psicológicos, Apolinário revelou aquela paixão pesquisadora dos monges medievais que fixaram em preciosos incunábulo o que se salvára da invasão dos bárbaros.

De há muito que os sociólogos voltaram as suas vistas para a ponderabilidade dos estudos folclóricos. Um dos mais acatados — Franz Boas — predicou mesmo que o folclore é essencial á culturologia. Observa-se em Apolinário, nêsse particular, como que uma ausência total de influências e isso dizemos para acentuar até que ponto foi fundamental e imperatório nos seus livros o esforço pessoal. Se lançarmos um golpe de vista para o *Popularium*, inclinar-nos-emos a crer que demandou fatigante mourejo. Dizer da matéria contida nele, parece-nos que será dizer de uma atividade intensa na coleta, metodização e critica de todo um vasto acervo de lendas, crenças, tabús, interdições, temores supersticiosos, receios de fundo inibitório, jetaturas, feitiços, encantamentos, folganças, festividades, ensalmos, conjuros, preservativos, simpatias, aversões, cantigas, enigmas, paremias, bailados, acalantos, brinquedos e jogos infantis, vestuário, armaria, tratamento doméstico, dieta, pêlos-de-animais, uns espalhadíssimos, mas outros menos vulgarizados, suplicios e castigos, racontos e mitos.

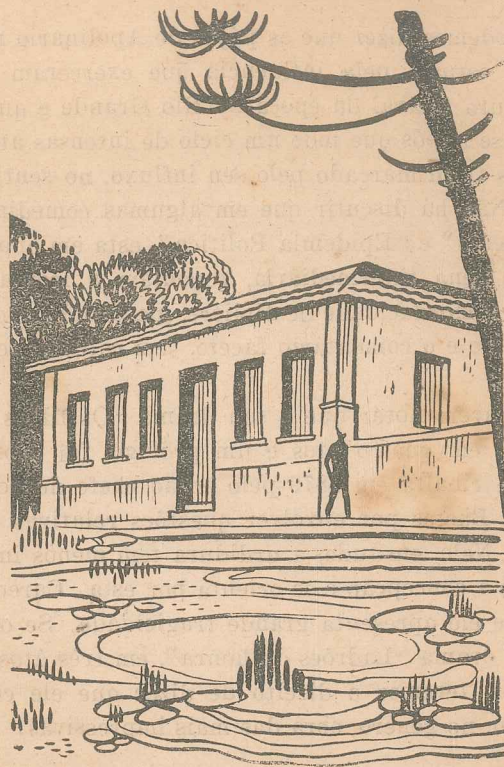
Não seria errado afirmar que o valor do "Popularium" como obra de pesquisa excede a eloquência de todos os superlativos. Bastaria, aliás, para evidenciá-lo, o simples balanço dos seus capítulos, escritos espalmadamente e globalizando, quasi sempre, temas até então intocados.

Devemos por de saliência a minuciosidade de alguns deles, como, por exemplo, o referente aos adágios usados no Rio Grande.

Palestrando certa vez com provecto escritor, dos mais versados nos fastos rio-grandenses, dele ouvimos a observação de que nenhum explicador do folclore gaúcho até agora conseguiu ser tão minucioso e penetrante como Apolinário, sendo, entretanto, mais citado do que lido. Outro, doublé de bibliófilo e bibliógrafo, que se interessa por assuntos de sociologia rio-grandense, confessou-nos não faz muito tempo que não houve talvés aspecto do folclorismo estremenho que não constituísse objeto de atenção do opipice escritor.

De fato, os estudos de Apolinário são dos mais completos que as letras brasileiras tem possuído até hoje no setor da disciplina demo-psicológica. Durante muito tempo, sob vários prismas, foram os únicos sôbre o Rio grande no dominio do folclore. Devemos acrescentar que mesmo á luz da sociologia hodierna eles oferecem grande interêsse.

*
* *
*



A CASA BRANCA, chácara a duas léguas de Pôrto-Alegre, no Passo da Areia, que servira de quartel-general a Bento Gonçalves e que Apolinário adquirira levado pelo seu inviscerado amor á tradição rio-grandense. Pelos começos deste século esteve ameaçada de completo esbarronamento. Atualmente, é de propriedade do ministro Souza Costa. O centenário da Paz de Ponche Verde sugeriu a idéia de ser incorporada ao patrimônio nacional para a organização de um museu farroupilha

Podemos dizer que as péças de Apolinário merecem detido estudo, pela influência que exerceram sobre a literatura teatral da época no Rio Grande e que de tal forma se impôs que todo um ciclo de intensas atividades cênicas ficou marcado pelo seu influxo, no sentido mais lato. Não há discutir que em algumas comédias, como "Mulheres" e "Epidemia Política", esta em quatro atos e uma cena intermediária, repontam a ironia de Dickens e a mordacidade de Moliere, mesclando-se o sarcasmo ferino e o comentário faceto, sem caírem, porém, na burleta.

Convém notar que o seu drama "Os filhos da desgraça", em quatro atos e um prólogo, foi proibido de subir á ribalta em 1879 pelo então chefe de policia J. Coelho Bastos por envolver questões relativas á escravidão. Nele, em tudo, a urdidura tem menos importância que a concepção e se orienta por esta. Carece observar que ele apresenta grande tragicidade. Se olharmos para o drama "Ladrões da honra", em três atos e cinco quadros, teremos o direito de dizer que ele constitue também, no gênero, obra das mais impressivas.

*
* *
*

Embora seja verdade que Apolinário pouco versou, não é menos exato que a sua poesia ocupa lugar saliente nas letras rio-grandenses. Vamos abordar ligeiramente esse ponto. Examinando os seus versos, o fato

principal a assinalar é o de que oferecem muita fluência.

E' de crer, realmente, que ele poetou por necessidade íntima. E' azado o momento para que se diga também que foi ele um grande sentimental, tendo mesmo feito as suas rapazices em assuntos amatórios.

A sua poética caracteriza-se, antes de tudo, por uma delicada entretecedura, sendo possível ver nela a influência de Byron e Schiller poetas que foram os ídolos por excelência da sua inquieta mocidade.

Dela pode-se afirmar que guarda uma espécie de "quid medium" ou emopromisso entre o lírico e o romântico, deixando ver aqui e ali aquele desejo entenebrecido de "morrer cedo" que foi sem dúvida a nota universal do romantismo. E se em sua produção como poeta não houvesse outros trabalhos de valor bastaria o livro "Bromélias" para nos convenceremos de que também na versajadura ele se excelliu. A maioria dos brasileiros não o conhece, nem talvez por simples referência. Notavel, sob vários aspectos, é o poema que escreveu quando a fatalidade bateu á porta do seu lar em 1891, roubando-lhe, com pequena intermitência, a esposa e a única filha, uma graciosa menina de doze anos, digna herdeira dos predícos de D. Eliza, verdadeiro anjo-de-bondade que sem pre soubera iluminar as salas do Instituto Brasileiro com as irradiações do seu querencoso coração.

Girando em derredor do gauchismo e dedicado á Hilário Ribeiro em afetuoso ofertório, ante-esculpido no proêmio da composição, o poema "Gabila" oferece um

forte vinco de regionalidade, possuindo estrofes de incomparavel sabor.

Todos os seus versos na verdade, repassados de transfundente inspiração, parecem lavrados em flexibilissima filigrana, impressionam pela espontaneidade e quando não são belos pelo fundo, isto é, pelo sentimento ou motivo inspirador são-no pela forma correntia, bem modelada, felicissima em alguns, testificadora de um lidimo manejador da palavra versificada. Quasi toda a gente encara a poesia como um jogo amavel de palavras bonitas e quem jamais perguntou se ela não será uma das maneiras de valorizar o sentido das coisas? Não é difficil, realmente, compreende-la como uma procura do belo e do harmonioso. Seja como for, a verdade é que ela é uma arte e esta, como ninguém o ignora, representa um caminho para a interpretação estetica, quer dizer sensorial dos valores basicos da vida, dentro da qual todos os fatos, de qualquer natureza, sejam na aparência bons ou máus, tem a sua razão de ser.

Apolinário, em todos os seus cantos, elegiacos ou dúcidos, ungidos de esperança ou transudando tristeza, foi um bardo da melhor hierarquia emotiva, possuindo, mesmo, aquela "natureza sensibilizada" de que fala Carlyle estudando a tese de Emerson sôbre os "criadores de belezas."

*
* *

Como homem-de-imprensa, Apolinário redatoriou distinguidamente inúmeros diários e periodicos da épo-

ca, entre eles a "Gazeta de Pôrto-Alegre", "O Rio-Grandense", "A Imprensa", o "Jornal do Comércio", "A Democracia", "A Reforma", "A Federação", "O Industrial", "A Arcadia" e "O Guarany". Iriamos longe se pretendessemos fazer um repasse detido de todos os artigos que assinou nêssas publicações. Não poderemos nunca, aliás, dar uma idéia perfeita deles, pois grande parte das folhas em que apareceram estão para sempre perdidas.

E' uma verdade indiscutivel que Apolinário foi dono de uma grande sensitividade, tendo feito das lides jornalisticas, em que se panopliou cavaleiro de numerosas cruzadas, um verdadeiro campo de experimentação dos seus insuprimiveis ideais.

Uma das observações mais interessantes de Alcides Maya, referentemente ao preclaro mestre, é a de que ele foi um jornalista consumado, integral, sem que jamais perdesse de vista as questões momentosas. Jornalista digno desse nome, jornalista legitimo, é aquele que tem a faculdade de interpretar as inquietações de espirito da sua época, criando, ao mesmo tempo, um ambiente favoravel ao livre curso das mesmas. Apolinário soube se-lo desde a mocidade. Controversista de folego, jamais, entretanto, desceu ás contumélias e assoalhaduras, polemizando com elevação e elegância.

*
* *

Pedagogista sagaz, Apolinário realizou um verdadeiro paradigma de guia e orientador da juventude. Em contacto com os seus educandos, conservava sempre inalterável a sua linha de gravidade sem afetação e circunspeção sem rigidez. Severo na objetivação dos seus designios, toda vez, todavia, que a aplicação de uma medida punitiva, apontada por qualquer professor, envolvesse decisão menos justa ou humana ou apenas parecesse menos útil á disciplina, ele usava de condescendência com o aluno faltoso, razão pela qual eram infrequentíssimas as penalidades. Na sua opinião, a escola é o verdadeiro laboratório das novas gerações. Por isso modelou-se-lhe a efigie de educador em gestos de inexcedível devotamento. Nas suas mãos, o govêrno teria sido um alcaprema de proveitosas iniciativas em prol da instrução pública. Não lh'o deram, porém.

Excogitando o preparo integral dos seus discentes foi um apóstolo do ensino. Se-lo-ia até 1891, quando a morte arrebatou, num lance de impiedade, os dois entes queridos que eram a luz do seu lar. Prelecionador e digressionista vivo, com um critério verdadeiramente pedotécnico, a quem estaria presente sempre a verdade de que o homem não nasce nem bom nem mau, mas vem ao mundo simplesmente, Apolinário fez do seu educandário um estabelecimento paradigmático, de avançadas diretivas e de auferíveis benefícios para duas gerações entronquecidas no culto das boas letras.

Nem seria compreensível que um espírito atilado como Apolinário não visasse, antes de tudo, a formação total da juventude escolarizável, proporcionando-lhe,

para a consecução plena dêsse escopo, as mais variadas modalidades de ensino, desde o cívico até o ginástico.

Talvês não seja erro afirmar que foi ele o primeiro a reagir no Rio Grande contra a obsolência da ferula e a avelhantada praxe dos castigos corporais, derrubando as barreiras de preconceitos atávicos. Importa ainda considerar que ele tudo fez em prol da dignificação e do enobrecimento do magistério. Do sobradão de largos beirais e amplas sacadas, onde funcionou durante estirado período o Instituto Brasileiro, existem algumas reminiscências escritas e diversos documentos iconográficos, inclusive preciosos daguerreotipos, pelos quais se vê que era um antigo casarão com alizares de cantaria, espaçoso pátio á frente e pequeno lago nos fundos. Em cada face erguia-se um torreão simétrico, com visos de atalaia, tão bem evocado por Gumerindo Ribas naquele discurso de 1928 ao pé da herma do mestre, erigida por iniciativa dos seus ex-alunos.

Foi naquele vetusto e gravebundo prédio que Apolinário durante quinze anos a fio ilustrou obfirmadamente o espírito dos moços rio-grandenses. Educacionista habilíssimo, modelar, imbuido de escrupulosidade, que fez do professorado um verdadeiro sacerdócio e da cate-dra um pulpito apostólico, ás vezes incompreendido não só pelo "profanum vulgus" como também pelas elites, notabilizou-se Apolinário pelo entranhado idealismo que punha invariavelmente no desempenho das espinhosas e sacrificativas tarefas da sua profissão.

Convencido de que educar é visar a preparação eficiente da juventude, acordando no seu coração nobres im-

pulsos e incitando-a á execução de levantados propósitos, Apolinário fazia-se antes de tudo amigo, confidente e conselheiro dos seus discípulos.

Por ocasião das provas, dispensava a máxima tolerância aos examinandos. Sempre que oportuno, promovia passeatas, festas, reuniões e passeios. Pouco conhecendo o fáto de que em pleno fastigio do regime monárquico, talvês em todo o Brasil ninguém tivesse tido a idéia que acudiu a Apolinário de organizar um batalhão escolar, dotado de uniforme e banda de música, ao qual chegou a ser ministrada instrução pre-militar por distintos officiais do Exército, republicanos confessos, como os maiores Ernesto Cesar e João Cezimbra Jacques.

De todos os recantos do Rio-Grande afluíam ao Instituto, todos os anos, dezenas de internos e semi-pensionistas.

*
* *

Ainda que no fisico Apolinário se aproximasse mais de Apeles, mais se parecia com Aquiles, nascido em 1848, na olimpica serenidade diante das zargunchadas da sorte. De porte elevado, feições fortemente pronunciadas, bracilongo sem exagêro, cabeleira acastanhada fornida e revel, sobrecenho espesso, os lábios finos tinham as commissuras levemente repuxapas para cima, de modo que davam á sua fisionomia uma expressão inconfundível.

Eis como Múcio Teixeira no-lo descreve: "Apolinário era alto, magro, moreno, de larga testa protuberante e enrugada desde a mocidade, bem cedo ampliada numa calva sem brilho, deixando cair sôbre as orelhas e a nuca uns finos cabelos pretos, que precocemente encaneceram, tornando-se completamente alvissimos aos quarenta anos."

Quando se recolheu á Casa Branca era um homem de apenas 46 anos, mas já com as temporas grisalhas, o corpo ligeiramente curvado sob o peso da saúde conbalida e a peles com algumas rugas, tinha êssa côr amarelo-terrea própria das pessoas maduras, alquebradas pelos anos. Os seus olhos, contudo, conservavam certo brilho, resumbrando a sua viltalidade interior. Fôra em moço um belo especimem do sexo. Tanto que não falta quem diga que a poetisa Amália Figueirôa morreu de amores por ele. Ajunte-se a isso um impecavel aprumo no vestir. Usava comumente um terno de diagonal preto, talhado em sole-ne sobrecasaca, sempre abotoada, completando o indumento com um rebenque com corrente de prata enrolada no pulso direito.

Alma de evangélica pureza, caráter de uma firmeza não vulgar, resplandencia em sua larga fronte êsse ar de bondade e compreensão que só provem dos espiritos superiores.

Foi na evangelização republicana, mal-saido dos entusiasmos de rapaz, que ele fez sua primeira grande experiência como lutador de rara infibratura. Provou depois a obduração das suas crenças terçando armas com os positivistas quezilentos. Encontramos o mesmo gigante da ação e do pensamento por ocasião da reação gasparista,

da qual participou como palinuro e cireneu incontestado, sem descer, porém, á voragem das paixões referentes, superior ao tumulto que febrilizava os espiritos.

Desenganado de tudo, justamente descrente dos seus antigos correlegionários e adverso, por indole e por principio, á politica de pacotilha e ás disputas retórico-metafisicas então dominantes no campo do dialetismo politico, pejou-se da falta de pudor e pundonor da maioria deles e desoladamente, sem bulha, sem espetaculosidade, retirou-se da capital, engolfando-se no ascetério reanimador da Casa Branca, onde sem demora entrou a seleccionar algumas das suas produções poeticas para enfeixalas num analecto que teria o titulo de "Flores da Morte."

A situação topográfica do antigo pouso farroupilha, num desvão pradoso, era a mais pitoresca e deleitosa que se possa imaginar e possuia, mesmo, aquele "fascínio panteista" que Virgilio cantou nas "Bucólicas" e Cicero decantou numa passagem do seu "De natura deorum." Um basto arvoredó o cingia como um "passe-partout" verde. Ai Apolinário viveu de 1891 a 1904, com o intervalo de 1893, quando foi forçado a emigrar para o Prata com escala em Santa Catarina, onde, como já dissemos, correu o risco de ser decapitado.

No fim da vida, recorria ele ás vezes ao uso do alcool. Isso levou Múcio Teixeira, há muito residente no Rio, a escrever que nêsse periodo o prefulgente mestre andava caído nas ruas de Pôrto-Alegre em completa degradação como Lôbo da Costa nas ruas de Pelotas e condenado á risota do vulgacho. A increpação, todavia

não ficou inulta, pois Aquiles em 1925 a pulverizou de modo irresponsivel, provando que a contraversão propagada por Múcio Teixeira não passava de exdruçula invencionice, engenhada por méra malevolência.

Tanto isso é verdade que, tendo exalado o derradeiro alento num modesto quarto da Santa Casa, vitima de uma mendaz tuberculose e de uma lesão cardiaca de longa data contraidas, teve ao seu lado, na hora extrema, dezenas de amigos e admiradores.

E' difficil saber até onde chegou o seu culto á Bacco. Qualquer que fosse, porém, a habitualidade das suas libações, por inquestionavel se deve ter que não foram nem numerosas, nem infamantes permanecendo muito longe da metomania. E não se poderá acreditar que ele chegou a ser visto numa tasca vulgar em opprobioso comportamento, bebendo a chamada "caninha de Santo Antônio" Não há maior inverdade, nem maior injustiça, nem maior inverossimilhança, nem maior sem razão, do que pensar assim.

Deixando liquidado êsse ponto, passemos a outro. Atalhada a sua carreira de professor pela pungitiva morte da esposa e da filha estremecidas, embora assaltado por mortificadora e insidios a modéstia, perseverou Apolinário em cultivar as letras e onde quer que se encontrasse uma nova, fonte de saber lá estava ele, preguroso, com o mesmo espirito inflamado de sempre, sem condescender em observar as prescrições dos médicos e as recomendações dos amigos.

Assiste plena razão aos que vêm em Apolinário um nome digno de inscrição nas colunas do prítaneu pátrio,

merecedor, como os que mais o sejam, da consagração pública. Cultura de primeira grandeza, luxuriante e variada, que se colocou ao serviço das melhores causas, ele realizou, na magnífica definição de Pende, o tipo perfeito do sábio, pois na sua inteligência multiciente houve de fato uma maravilhosa harmonia de forças criadoras.

Vale salientar que, dono de uma memória formidável, conheci ao lugar exato de cada livro da sua biblioteca e a disposição precisa de cada peça do seu riquíssimo museu. Como Ruy Barbosa, se tivesse tido o seu Antônio Costa, poderia pedir-lhe qualquer volume ou fragmento paleontológico com a certeza de ser imediatamente atendido. Foi escrita por Pedro Moacyr a afirmação de que entre outras virtudes possuía a de memorioso. E' de Alcides Maya idêntica observação.

Apolinário era dêsses homens para quem a honra vale mais do que as honrarias. O seu catecismo cívico tinha a intocabilidade das tabuas de Senai. Quando os seus companheiros de proselitismo se bandearam á sociocracia, combateu-os sem quartel, afastando a possibilidade de qualquer concordata. No seu poema "Gabila" diz, dedicando-o a Hilário Ribeiro:

Tu que um eterno culto á crença rendes,
amas o justo, á corrupção não dobras,
e nem os cantos ao vicio vendes...

Apolinário, de resto, mostrou-se sempre extremamente zeloso das suas convicções, que jamais sofreram

qualquer amolgadela, reputando-as inderruíveis. Parecia-lhe a ele e com razão que o trapezismo não se compadece com os preceitos da moral pública. Essa intransigência, a incolumidade das suas opiniões, exagitaram contra ele não poucos ódios e lhe valeram uma onda de azedume e acrimônia, sem falar em certas esmechadas partidas de violentos virrinistas.

Nada, entretanto, nem mesmo o seu feito opinático, o impediu de ser um homem afave¹, comunicativo até o desabafo, generoso até a magnanimidade, tolerante até o perdão e acolhedor até nas horas de melancolia e desprazer. Amigo dos novos, tinha sempre uma palavra de condescendencia ou incentivo para os estreantes e não regateava louvores e gabos aos que os merecessem. Um dos melhores elogios que se pode fazer a Apolinário é dizer que foi o fiador da concretização de muitos anseios literários. A nenhum moço, conclamado ao ressoo do PARTHENON, faltou ele com o seu patrocínio, como nunca escasseou o seu interesse pelo trabalho dos principiantes. A ele se deve creditar, mesmo, as primeiras elegiadas de Amália Figueirôa e os primeiros escritos de Múcio Teixeira e Alcides Maya.

Era dêssas pessoas que desde a primeira vista inspiram confiança e simpatia. Grangeava para logo a benequerença de quantos dele se aproximassem. Difícil cousa era ve-lo ensimesmado. Sem a resignação finalística dos cétricos gregos, mas também sem a inquietude anti-conformista dos agnósticos por sistema, Apolinário soube contemporizar com o infortúnio e aceitar com exemplar superioridade os veridituns do Destino.

Quando um dia se interprender a história do castilismo, ficarão bem patentes as razões pelas quais ele se aliou aos gasparistas. Se há um ponto nêssa questão onde todas as vozes estão de perfeito acôrdo é o de que Apolinário não impugnou o contismo senão por motivos ideológicos. Isso é quanto basta para que se tenha uma idéia da sua atitude. Numerosos são os fátos, aliás, que põem em evidência êssa verdade. Pretender provar o contrário seria empresa vã. Apolinário não condenou propriamente o presidencialismo. As suas idéias políticas, conquanto profundamente liberais, eram as de quem vivia em intimo contacto com a sua época e sentia pulsar em si as mais generosas anciedades. Sabia ele que a Revolução Francesa acabara com o estacionarismo, mantido por grupos de regulos e nepotistas, disseminando os seus ideais subversores através do josefismo, do Estado abstencionista, do febronianismo, do "laissez-faire, laissez-passer" e do saint-simonismo. Sabia ele que a adoção do barrete frigio no Brasil seria feita sob a égide do demagogismo universal da época, impregnado das teorias revolucionárias de Adam Smith.

Pretender julgar a sua discordância pelo estalão da de outros anti-castilhistas seria, pois, um grave erro.

E' indispensavel atender a este fáto: a causa geratriz da sua atitude não teria sido outra senão o seu imodificavel liberalismo. Já está provado, ademais, e por documentos insuspeitos, que Apolinário foi sempre um desprendido, recusando todos os postos de mando políticos com que se pretendeu laurea-lo. Raros terão tido como ele ideais tão extremes de impuridades e tão lim-

pos de presentismo. Jamais experimentou aquele "anecio de poder" de que fala Bertrand Russell.

O ideal é uma soma de excelsos sentimentos. O seu papel na história tem sido consideravel. Homens como Platão, Inácio de Loyola, Rousseau, Carlos V e tantos outros de idêntica compleição caracterológica fizeram milhões de prosélitos. Póde-se criar um ideal coletivo e á medida que os cidadãos o cultivem e se eduquem nele as suas raízes irão sendo mais profundas. Todos sabemos que talvez não haja ideal nenhum que dirêta ou indiretamente não contribua com alguma cousa para o progresso humano. E quanto mais elevadamente se cultive um ideal, quanto mais e melhor êle fôr compreendido, maiores serão também os beneficios dêle decorrentes.

Apolinário Pôrto-Alegre, seja dito, foi um idealista no rigor do qualificativo, compreendeu que a essência da vida não é a angústia platônica mas a luta concebida em termos aristotelicos e afatigando-se no conseguimento de uma fórmula politica que fosse ao mesmo tempo uma reivindicação espiritual e uma conquista liberalista, nada mais fez do que se manter fiel a si mesmo. Era difficil para o povo rio-grandense, no estado em que ainda se achava em 1889, compreender de pronto o alcance do positivismo. Já se vê que deveria suscitar desde logo, como de fáto suscitou, as mais dedicidas oposições.

Diga-se também que debalde se tentará separar o afastamento de Apolinário das hostes republicanas do castilismo. E' ridiculo pensar-se que êle agiu sob o acicate de prevenções ou ressentimentos, pois teve sempre a iluminar-lhe os passos os sentimentos mais puros e

elevados. Na defesa intransigente das causas ideológicas de que se fez imperterritito paladino, jámais cedeu á pressão dos acontecimentos ou traiu os irretrataveis compromissos assumidos consigo mesmo.

Outro em 1889, talvez, tivesse procedido com menos desprendimento, ressaltando, mesmo que por simples amor-próprio, os seus direitos na partilha da vitória.

Colocando-se acima dos manejos de bastidor, quasi sempre eivados de interesses subalternos, revelou êle, de modo definitivo, a excelsitude do seu espirito.

A 23 de Março de 1904 falecia êle, com 59 anos, dos quais mais de trinta votados inteiramente ao estudo silencioso. Dois anos antes, no grande Congresso Federalista de Bagé, havia homologado, em incisivo eloquio, a sua attitude anti-sociocrática, condenando, mais uma vez, a corrosibilidade dos ideais sustentados durante a pregação republicana.

O dia do seu traspasse foi de luto e contristação. Em Pôrto-Alegre, os colégios suspenderam as suas aulas, em sinal de pezar e os estabelecimentos comerciais cerraram as suas portas, hasteando a bandeira a meio-páu.

Á encomendação do corpo, realizada na Capéla dos Passos, afluio grande massa popular, o mesmo acontecendo no saimento do feretro. Junto á sepultura, sufocado em pranto, falou Damasceno Vieira.

Pouco depois, constituia-se uma comissão sob a presidência do Marechal Augusto Cesar para erigir um mausoléu no seu túmulo e inventariar todas as suas

obras inéditas. E' clamoroso que tal idéia deixasse de se realizar.

*
* *
*

A exiguidade de tempo não nos faculta um exame mais detido da sua vida e da sua obra paradigmaticas. Não se discute mais que foi um autêntico titã do pensamento, não o impediu de ser acessível e comunicativo.

A cultura rio-grandense, o que significa a cultura brasileira, tem nos seus trabalhos um legado inavaliavel, uma estupenda herança. Dedicando-se durante mais de trinta anos a uma superatividade mental, com verdadeira mestria, sabemos-lo hoje de modo seguro, Apolinário Pôrto-Alegre parece que pretendeu ferir todos os temas. Seja qual fôr o critério de julgamento adotado, o que se não pôde negar é que êle enriqueceu enormemente o patrimônio cultural do Brasil, inscrevendo-se no ról dos seus filhos mais eminentes.

Já se disse que êle viveu os seus últimos anos com o gosto ibseneano da solidão, aliado a um individualismo de filiação mais nietzscheana do que rousseana. Isso, entretanto, não o impediu de ser acessível e comunicativo como dantes. No vortice das paixões que propiciaram o surto insurrecional de 1893, defrontou-se êle com sérios agravos, não sofrendo as suas crenças, entretanto, o mais leve estremecimento.

Caráter ilibado, de tèmpera toledana inflexível nas suas convicções, com uma linha de conduta política ir-

repreensível, Apolinário deixou em todos os seus atos públicos o cunho de uma verticalidade dignificante.

Ninguém dirá que se excedeu em qualquer gesto menos nobre. Hasteando bem alto o lábaro dos seus ideais, auto-impôs-se desprendidamente duros sacrifícios, dando constantes arras do seu temperamento retilíneo. Se algumas vezes foi obrigado a produzir réplicas enérgicas, não ultrapassou, contudo, as fronteiras da ética, mantendo-se acima das tretas e especulações geradas em atmosfera apaixonada. Republicano desde a juventude, perfeitamente integrado no pensamento dos seus precursores, o implante da República no Rio Grande foi-lhe causa de acerbos dóres, pois ligado desde logo com o ideário sociocrático.

Deixando a prisão, a que foi recolhido por ordem de Júlio de Castilhos, estampou ele veemente artigo, profligando a contra-marcha idealógica dos seus antigos companheiros. E' d'ele este tópico: "Em trajeto para a masmorra ia-me lembrando de Sócrates, que, como eu, educava a mocidade de Atenas no principio da democracia e na crença de Deus e fôra, como recompensa dos serviços á pátria, atirado em horrível calabouço."

Retirando-se para a Casa Branca, aí viveu os seus últimos tempos, como Victor Hugo nos rochedos de Guernesey, como Voltaire em Ferney, como Pascal em Port-Royal, como Beethoven em Bonn.

O que foi o seu esforço em prol da cultura rio-grandense dizem-no os escritos, todos de polpa e em número elevado, por ele confeccionados. O melhor elogio que se pôde fazer á sua aurifulgura e veneranda individualidade

é dizer que a sua obra constitue um verdadeiro monumento de saber, não obstante as falhas que nela tem sido notadas.

Mas já é tempo de pôr termo a esta conferência. Não foi de caso pensado que a dilatamos. Bem inspirado ando o General Sousa Docca ao promover esta sabatina. Conspícuo entre os mais conspícuos intellectuais que o Brasil tenha produzido, Apolinário Pôrto-Alegre perlustrou todos os caminhos da intelligência. A geração atual, todavia, ainda não lhe preiteou a reverência a que faz jús, entre coevos e porviristas. Nunca, pois, foi tão necessária uma hora de evocação como esta.

Apolinário Pôrto-Alegre foi, pôde-se dizer, um dos mais pujantes espiritos que tem dado o Rio Grande. Profundez e descortino são qualidades que dão ao seus trabalhos fulgentissimo realce. Mas o que lhes assegura lugar preexcelente nas letras brasileiras é que não são obras de improvisador ou diletante.

Esforçou-se o insigne mestre pela realização de uma obra séria, aturada, sem falsos cientismos, sobre a qual o Tempo não passasse jámais a esponja da obumbração ou do ofuscamento. A sua primorosa cultura não era infusa como a de Cristo nem milagrosa como a de Mafoma.

Adquiriu-a a golpes de pertinácia, em dias de recolhimento e noites de vigília.

Cumpre-nos, ao findar esta conferência, re agradecer á Federação das Academias de Letras o privilégio desta mercê. Nenhuma outra paga almejamos que a de termos correspondido, na medida das nossas forças, á confiança desta Casa e á benignidade da ilustre assistência. Con-

gratulamo-nos com ambas pelo fato de ter sido possível esta homenagem á memória de um sábio respeitabilíssimo, que demonstrou a sua incomensurável, edificativa e glorificante sapiência nas letras, nas ciências, no magistério, no gazetismo, na tribuna, na politica e também na estadística.

A sua assurgente glória já logrou a sentença irrevogável do Tempo, que é o único tribunal que dita consagrações definitivas.

Não foi por simples capricho que escolhemos o título desta preleção. Muito de indústria e de propósito o fizemos, pois foi no semi-banimento da sua tabaídazinha rural que Apolinário aprimorou o seu gosto de bibliófilo apaixonado dos livros raros e entesourou, como é de presumir, um notável lastro de conhecimentos, que o destino não consentiu fôsse aproveitado em pesadíssimos e massudos volumes. Quando se contar a história da cultura brasileira, muito se há de dizer sobre a magnitude da sua obra.

Para não tornar esta conferência muito longa fomos forçados a restringir muitos pontos. E' esta a razão pela qual pouco falamos de alguns. Do que dissemos, no entanto, duas conclusões naturalmente decorrem: Apolinário viveu numa época de intensa atividade literária e a sua obra incute admiração pelos vigorosos atributos espirituais que revela.

Temos por certo que um dos seus grandes méritos está em ter contribuído em "magna pars" para a arboragem e a fecunda atuação do PARTHENON. Os escritores rio-grandenses, em 1868, precisavam estru-

turar os seus esforços, solidarizando-se, mediante uma articulação refletida e consciente. Era preciso, por outro lado, anular a apatia que os manietava. Unidos eles seriam fortes e poderiam reivindicar o que, de direito e de fato, lhes pertencia no engrandecimento do sólo natal. Marchando ombro a ombro, cheios de esperança e fortalecidos pelo ideal de alcançarem uma situação que lhes permitisse servir de modo relevante á coletividade, a sua cruzada em prol das letras rio-grandenses transpirou, realmente, o mais nobilitante idealismo. O PARTHENON, com efeito, foi um instrumento de integração dos escritores rio-grandenses da época na compreensão de si mesmos.

Antes de 1868 eles não possuíam nenhuma unidade e pouco apareciam, a despeito da sua atividade indefessa. Apolinário Pôrto-Alegre, secundando os esforços de Caldre e Fião, e, por fim, encabeçando o movimento, compreendeu que era indispensável que eles participassem diretamente da vida coletiva, como elementos ativos, orientados para um clima no qual pudessem desenvolver as suas aptidões e capacidades, não como franco-atiradores mas como integrantes de uma elite ciênte e segura da sua força.

Eis uma verdade de evidência vulgar. No momento em que nos reunimos para celebrar o centenário de nascimento de Apolinário Pôrto-Alegre, convencamo-nos de que ninguém mais do que ele merece o título de maior sábio rio-grandense. "Paladin y poeta" como Mitre, na lucilante ode de Ruben Dario (Apolinário Pôrto-Alegre ergue-se como um Himalaia de cultura na orografia

mental da América, esperando a sua efigie de ciclope do pensamento um bronzista de gênio.

E' preciso notar que o seu retraimento não teve nenhum caráter de deserção. Nem a reclusão ao seu gabinete foi uma prova de introspecção nirvanica ou de faquirizante abstracionismo, causante daquela condenável "intelligentia" ou "atitude de intelectualismo" a que se refere Maurice Blordel, estigmatizando os escritores egocentricos, desterrados do cotidiano.

Dêle pôde Pedro Moacyr dizer que foi um cerebro de luz, gravitando solarmente na esfera das mais altas preocupações mentais. E o que êle realizou, sabemos-lo todos.

Já é tempo, pois, de estatualizá-lo convenientemente na galeria dos grandes filhos do Brasil.

Diz-se que uma obra-prima é sempre uma faísca ou um relampago de inteligência. No caso de Apolinário Pôrto-Alegre, autôr de tantas obras-primas, esse pensamento não encontra aplicação, pois a sua polimatia, sendo a substancialização dos mais altos predicados intelectivos, era um fóco luminoso de grande voltagem.

A sua obra sobreexistirá através dos tempos, por maiores que sejam as sombras do materialismo, estéril e improdutivo como a figueira maldita do Evangelho.

Felizes daqueles que, como Apolinário Pôrto-Alegre, deixam na memória pública a lembrança de uma vida exemplar. A morte impediu que produzisse as obras de alta indagação que era licito esperar da sua portentosa inteligência e da sua inusitada capacidade de trabalho.

A proposito de «Nascuntur Poetae»

(Conferencia sobre Alceu Wamosy) Rio, 1944

Felicitto-me por lhe haver proporcionado a oportunidade de revelar perante um auditório seletto a força e o brilho da sua cultura no elogio do primoroso poeta su-rio-grandense.

Gal. Sousa Docca

Em meia centena de páginas, Antônio Carlos Machado realizou o milagre de cantar a vida e a obra de Alceu Wamosy.

Antônio Bresolim

Recebi e li seu belo trabalho sobre o nosso Wamosy. Receba as minhas felicitações. Obra de louvor, nem por isto foge da penetração e da análise.

Olmiro de Azevedo

Antônio Carlos Machado, em "Nascuntur Poetae", conquistou lugar proeminente entre os cultores da critica literária no Brasil.

Augusto Pôrto-Alegre

Falando sobre Alceu Wamory, interpretando em relação ao meio e ao tempo a sua sombria mensagem poética, o Sr. Antônio Carlos Machado tem a mesma segurança do historiador, de boas luzes sociológicas, ao traçar a formação gaúcha.

Roberto Lyra

Antônio Carlos Machado, um escritor moço, muito moço mesmo, escreveu sobre Wamosy a palestra que realizou com brilho na sede da Federação das Academias de Letras do Brasil. Li e gostei pela maneira original com que o autor trata de um assunto tantas vezes abordado.

Fernando Borba

O estudo de Antonio Carlos Machado parece-me indispensável a quantos queiram penetrar, em toda a sua profundidade, o estranho mundo interior do lirico imortal de "Duas Almas."

Correia Junior

Antônio Carlos Machado é senhor de um estilo clássico apreciável. O seu vocabulário é notadamente rico e é sem favor dos novos aquele que melhor sabe esgrimir a nossa opulenta língua.

Alvarus de Oliveira

Foi com profunda emoção que li as formosas páginas do seu livro, porque devo dizer-lhe fui amigo íntimo de Alceu.

Fernando Callage

Li com o maior recreio espiritual a sua interessante conferência sobre o saudoso poeta Alceu Wamosy. Fez bem em dar agora à publicidade esse ótimo trabalho, que põe em merecido relevo o valor literário do autor de "Duas Almas", sem dúvida um dos grandes nomes da poesia brasileira.

Miguel de Arco e Flewa

Com este trabalho, o Sr. Antônio Carlos Machado consagrou-se crítico consciente e conhecedor profundo da vida e da obra do egrégio vate, ao mesmo tempo que presta relevante serviço às letras pátrias.

Plinio Alvarenga

Antônio Carlos Machado é um dos valores de mais viva expressividade da moderna geração de escritores do Rio Grande do Sul. Estilo de grande opulência, extraordinariamente viril e colorido, o seu primeiro trabalho sobre Alceu Wamosy deu a medida da força das qualidades literárias que alteiam o seu talento. "Nascuntur Poetae" é um livro que enriquece a literatura rio-grandense.

Luiz Correia de Melo

Acabo de ler com verdadeira admiração a bela conferência sobre Alceu Wamosy de sua autoria. Admirador fervoroso de tudo quanto vá acima do comum, sacudindo o espírito de mediocridade num frisson de emoções, envio-lhe o meu mais sincero reconhecimento pelos momentos de verdadeiro prazer espiritual que me proporcionou.

Vaseo dos Reis

"Nascuntur Poetae" marca mais um grande triunfo na carreira literária de Antônio Carlos Machado.

Alberto Maranhão

